

A nossa vida

Viver, ganhar, perder, morrer.
É a vida que nos ensina
Que cada dia é um novo dia.

Vamos brincar de poesia.
A poesia que nós lemos
Quase todo dia nos ensina
A viver, ganhar, perder, morrer.

É a vida que nos ensina
Que cada dia é um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

Nathalia Erizete Coelho
1ª série A

A minha avó

A minha avó é gostosa como um chocolate,
Tem cabelo da cor de um tomate.

A minha avó é braba como um touro,
Mas ela é um tesouro.

Não sei o que ela tem no olho,
Mas ela gosta é de catar piolho.

Ela tem uma casinha de melão,
Mas eu gosto é de mamão.

Isadora Cristina Silva Costa
1ª série A

Dia ensolarado

Um belo dia ensolarado
Céu sem nuvens, azulado
E um pé de mamão ao meu lado.

O pé de mamão foi crescendo
Assim a dona do pé ficou sabendo
Que o pé de mamão era um pé de melão.

Graziela Cardoso Nogueira
1ª série A

Semanalmente é realizada em sala de aula a “Roda da Poesia” onde os alunos lêem e ouvem poesias de diversos autores e produzem suas próprias poesias.

Mariza Konradt de Campos
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Quem tem medo dos mitos folclóricos?

Os adultos diziam...

Que o bicho-papão ia pegar as crianças para comer;

Que o diabo era um espírito mal. Ele pegava as crianças que falassem palavrões;

Que o homem-do-saco pegava as crianças que não obedecessem seus pais;

Que a bruxa malvada pegava as crianças, colocava no caldeirão e comia ou transformava as crianças em sapos ou cobras;

Que a mula-sem-cabeça era uma mulher que à noite se transformava em mula e soltava fogo pelas narinas, assustando todo mundo;

Que boi-da-cara-preta era a canção cantada para assustar as crianças que não queriam dormir;

Que o boitatá era uma cobra normal e à noite ela se transformava em uma cobra de fogo para proteger a natureza;

Que os fantasmas moravam em casas velhas, castelos mal assombrados e apareciam à noite para assustar as pessoas;

Que o capador era o homem que capava os animais nos sítios ou fazendas e alguns adultos assustavam os meninos, dizendo que ele ia capá-los;

Que os ciganos eram pessoas que viviam em barracas, sempre viajando e os adultos diziam que eles roubavam crianças e rogavam pragas;

Que a caveirinha, que é o esqueleto, era usada para assustar as crianças na hora de dormir;

Que as almas do outro mundo eram usadas para assustar as crianças que não queriam levantar cedo. Diziam que elas iriam puxar o pé dos dorminhocos;

Que vampiro era um homem mas que depois da meia-noite se transformava em vampiro e vinha chupar o sangue no pescoço das pessoas e a pessoa mordida virava vampiro também;

Que o lobisomem era um homem que nas noites de lua cheia se transformava em metade homem e metade lobo, que assustava as pessoas nas ruas.

Texto coletivo

1ª série B

Depois de pesquisarmos e discutirmos muito, chegamos à conclusão que esses mitos folclóricos não existem. São lendas criadas pelos adultos para fazer as crianças obedecerem, através do susto e do medo. Este texto criado coletivamente pelos alunos da 1ª série B se transformou em história.

Izabel Cristina Vieira de Oliveira
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Sobre

Tudo

O vento

É uma cara de menina.
O lago é um espelho
Refletindo a cara de Clarisse.
O vento fugiu, mas mesmo
Assim ainda brincou com Clarisse.

Amanda Telles Reis Vieira
1ª série C

A menina caiu no rio.
O vestido da menina voou.
A menina ficou de cabeça para baixo.
A menina foi passear.

Ana Cristina da Silveira
Camila Mannes
1ª série C

O pequeno polegar

A mulher tinha uma casa que estava sem luz.
Aí tinha que usar a vela pra iluminar a casa.

Maria Eduarda Nogueira Jasper
1ª série C

A boca do sapo

O sapo tem uma boca bem grande todos responderam:

–Sapo você tem uma boca bem grande.

Ele sempre respondia:

–Não! Minha boca é pequena.

No final o coelho disse:

–Quem soprar todas as velas vai ganhar o bolo.

O sapo respondeu:

–Quem tem a boca grande sou eu!

Matheus Del Rei Martins
1ª série C

O bode achou a boca do sapo muito grande porque a boca do sapo vivia aberta.

O sapo tem o olho muito grande.

O sapo e o bode foram passear no campinho.

O sapo abriu o bocão e apagou todas as velas

Maria Eduarda Nogueira Jasper
João Gabriel Trindade
1ª série C

Lua cheia

O pingo-de-flor estava levando as alfaces.

O pingo-de-mar estava olhando a lua cheia.

Pingo-de-lua acordou.

Os pingos estavam comendo.

Pingo-de-céu conta uma história.

Geórgia Subtil Eula
1ª série C

Ah!... Que sono!

A lua cheia anda no céu, iluminando a noite.

Mas os pingos só querem dormir.

Amanda Telles Reis Vieira
1ª série C

Aladdin

Aladdin gosta de Jasmine.
Aladdin virou um príncipe.
Jasmine se apaixonou.
Abu virou um elefante.
Jasmine passeou de tapete.
Aladdin tem um gênio.
O gênio mora na lâmpada.
Aladdin é amigo do Abu.

Giullia Birollo Alberton
Geórgia Subtil Eula
1ª série C

Projeto Troca-Troca de Livros – Estava escrito na lista de material escolar “um livro de história”. Os alunos vinham entusiasmados para mostrar os livros que tinham trazido. Contavam a história do livro ou outras histórias de outros livros que já tinham lido. Queriam mostrar aos colegas seu livro. Outros queriam levar o seu próprio livro para casa, pois ainda não tinham lido.

Os livros trazidos pelos alunos foram reunidos a outros que já existiam na biblioteca da sala de aula. Toda quarta-feira os alunos levavam um livro para ler em casa durante uma semana. Durante o trimestre, mais ou menos vinte e cinco livros foram trocados entre os alunos. O trabalho consistia em cada aluno receber uma folha de papel ofício e nela colocar margem, nome, data, título do livro, desenho e texto. A produção do texto sobre o livro era livre. Podiam escrever palavras ou frases. Alguns alunos já faziam pequenas histórias.

Os meses se passaram... Alguns desses livros já tinham cinco ou seis trabalhos realizados pelos alunos. Esses trabalhos foram reunidos em um livro. O livro foi reproduzido em estêncil. Eu copieei e os alunos ilustraram. O resultado foi a coleção troca-troca com os seguintes títulos: A Boca do Sapo, O Pequeno Polegar, As Princesas, Aladim, O Vento e a Lua Cheia.

Os alunos confeccionaram os personagens das histórias com meia e desenhos com vara. Pintaram em lençóis os cenários para as histórias. Apresentaram na reunião de pais do segundo trimestre.

O Projeto Troca-Troca de Livros continuou até o final do ano.

Wanely Pinto da Cunha
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Meus sentimentos

Sempre sinto sentimentos diferentes, pois o tempo não pára e se o tempo não pára, as coisas não param de acontecer.

Toda hora acontece alguma coisa diferente.

Sempre alguém fica feliz, triste, solitário, sem assunto, enfim, sempre acontece alguma coisa.

Todos têm sentimentos, todos mandam no seu sentimento.

Alguns ficam felizes, tristes ou com raiva, tudo na mesma hora. Se não for na mesma hora, pode ser no mesmo dia. Mas é claro que as pessoas não ficam assim por nada. Sempre têm um motivo para seus sentimentos.

Eu já senti medo quando faltou luz e ficou tudo escuro e assustador, pois eu tenho medo de escuro. Eu já senti raiva quando o chocobom da Hannane sujou todo o meu uniforme e a minha mãe me deu uma bronca. Eu já senti carinho pela minha família sempre quando faço aniversário, mas também sinto carinho por ela todos os dias.

Ana Luiza Vidal

2ª série A

Direito de todos

Hoje em dia existem muitas crianças que não vão à escola. E isso é uma coisa muito triste, pois quando crescerem seus filhos e estiverem estudando, vão fazer perguntas que os pais não saberão responder.

Educação é um direito de todas as crianças e isso quer dizer que todas elas têm direito de ir à escola, ter material escolar, ter roupas limpas.

O pior de tudo é morar na rua e não ter família. Quando penso nisso fico triste.

Queria que todas as crianças tivessem casa, comida e escola. Todas as noites rezo para estas crianças. Os pais têm que ajudar os filhos: precisam trabalhar para sustentar a família, ter dinheiro para comprar material escolar e outras coisas.

Eu conheço uma criança que não vai à escola. O nome dela é Carol. Ela não vai à escola porque a família dela fica se mudando de um lugar para outro, pois não tem dinheiro para morar de aluguel. No dia das crianças houve uma briga na casa dela (que na verdade nem é dela). Seu pai não tinha dinheiro para pagar o aluguel e o dono da casa chamou três homens para tirar a família de lá. Nesse dia da criança minha amiga recebeu o pior presente.

Hannane Frigotto Cherifi
2ª série A

Assuntos do dia-a-dia como direito à educação, nossos sentimentos, trabalhos domésticos e coisas que consigo fazer sozinho são discutidos semanalmente pelos alunos da 2ª série A. Com o auxílio de um pequeno texto para leitura e reflexão e um roteiro com itens para discussão, as crianças elaboram seus próprios textos, com base no que foi pensado e discutido.

Denise Nascimento Buss
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

O calendário

Os calendários servem para marcar os dias da semana e dos meses.

Precisamos do calendário para organizar os nossos dias, marcando datas como: festas, reuniões de escola, e muitas outras coisas.

Texto coletivo
2ª série C

Um astro chamado Lua

A Lua é o satélite da Terra. Ela fica girando ao redor do nosso planeta.

A Lua não é uma estrela, pois não possui luz própria. O Sol é a estrela que ilumina a Lua e outros astros como a Terra.

Através das nossas observações entendemos mais sobre a Lua e vimos que ela muda a cada semana, isto é, possui quatro fases que são: crescente, cheia, minguante e nova.

Nós pesquisamos a história do calendário e descobrimos que a Lua também era utilizada como forma de contagem do tempo.

A lua hoje em dia ainda orienta a melhor época de pesca, ilumina a noite e deixa o nosso céu ainda mais cheio de beleza.

Texto coletivo
2ª série C

Trabalhando com o tempo

Antigamente não havia relógios, as pessoas foram criando alguns instrumentos para contar o tempo.

O primeiro instrumento inventado foi o relógio de sol, esse relógio tinha uma haste presa no centro do painel com algumas marcas, quando o sol batia na haste a sombra indicava as horas.

A ampulheta foi um outro tipo de instrumento criado para marcar a passagem do tempo, ela é formada por dois vidros ligados por onde escorre a areia de um dos lados do vidro para o outro.

A clepsidra foi um outro tipo de instrumento usado para contar o tempo, ela foi inventada pelos egípcios. Este tipo de relógio funcionava como a ampulheta só que no lugar da areia se utilizava água. Uma outra diferença é que a clepsidra não tinha outro lado para escorrer a água, a água escorria por um pequeno furo.

Existiu ainda o relógio de fogo que marcava o tempo conforme a quantidade de óleo que queimava dentro do recipiente.

Mais tarde aparecem outros tipos de relógios: o mecânico, o elétrico e hoje, temos o relógio de ponteiros e o digital que nos ajudam a contar o tempo.

Texto coletivo
2ª série C

Os alunos da segunda série C, do Ensino Fundamental, desde o início do ano vêm desenvolvendo o projeto “De tempos em tempos”... Através desse projeto pesquisaram e conheceram algumas formas de contagem do tempo que os homens foram criando para melhor organizar sua vida.

Silvia M. Martins
Teresinha I. Bravo
Professoras-orientadoras/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Visita ao Ribeirão da Ilha

No dia 26 de junho de 2003, fomos a um passeio no Ribeirão da Ilha, com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a história de Florianópolis.

Sáímos do colégio às 8 horas e quando chegamos nossa primeira parada foi na praça. Depois fomos para a igreja onde encontramos uma senhora chamada Anita, de 72 anos. Fizemos várias perguntas para ela e ela respondeu com clareza e calma.

Depois fomos à praia fazer perguntas a uns moradores que encontramos, mas também para brincar um pouco.

Antes de almoçar fomos conhecer uma fazenda de ostras e aprendemos que as ostras precisam de alguns meses para estarem prontas para comer; o homem que nos explicou se chama Cacau. Logo depois almoçamos e aprendemos um pouco mais sobre o boi-de-mamão.

Logo após o almoço voltamos à praça e como não tínhamos bola, um colega tirou o tênis e brincamos de futebol americano. Ficamos esperando o ônibus, quando ele chegou embarcamos nele.

Visitamos o Eco Museu onde vimos: moedas antigas, fósseis, o mapa que mostrava o Arquipélago dos Açores, um gramofone tocando, um moinho, etc. Com isso aprendemos um pouco sobre a vida dos açorianos que vieram povoar a Ilha de Santa Catarina.

Retornamos de volta ao ônibus onde fizemos muita bagunça e infelizmente um carro bateu no nosso ônibus e tivemos que trocar de transporte e voltamos ao colégio.

Texto coletivo
3ª série C

Texto coletivo elaborado após a visita que fizemos ao Ribeirão da Ilha. Essa atividade é parte do Projeto Conhecendo Florianópolis, que a turma da 3ª série C desenvolveu no decorrer de 2003.

Carla Cristiane Loureiro
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Minha cadela Lili

Meu bicho de estimação é uma cadela de 4 anos, que se chama Lili.

Lili veio para minha casa com 25 dias de vida. Na primeira noite dormiu no meu banheiro, só que chorou a noite toda. Na segunda noite colocamos no banheiro da área, mesmo assim chorou, meu avô ficou com pena e levou para seu quarto, mas continuou a chorar.

Então meu avô resolveu deixar ela dormir na casinha, na área e assim ela conseguiu se acostumar.

Lili não gosta de tomar banho, de ficar presa, mas adora fazer cocô pelos cantos, em qualquer lugar, também gosta de fugir para namorar seu irmão que mora na frente da minha casa, gosta de pão só com margarina, rosca e bolacha doce e ração a da mais cara, não gosta de salgado.

Brinco com ela quando tenho tempo, brincamos de rolar no chão, de “lutinha”, adora pegar meu chinelo e levar para sua casa, jogamos futebol, adora morder minha canela.

Adoro quando estou com ela, e acho que ela também.

Vinícius Gonçalves
3ª série C

Spike

O meu animal de estimação é um cachorro, seu nome é “Spike”. Ele é preto e branco, mais branco do que preto.

Ele tem dois aninhos, é muito calmo, adora andar de carro e passear. Adora também brincar de bola e com garrafa de refrigerante, quando faz isso, primeiro tira o rótulo.

A noite dorme um pouco em cada cama para agradar a todos. Quando vamos para a escola de manhã cedo, ele corre para janela, sobe na cama de minha irmã e fica nos espiando até o carro sair. Quando chegamos da escola, ele reconhece o barulho do carro e vai novamente para janela, depois incomoda minha mãe para avisar que chegamos. Então ela abre a porta e ele faz a maior festa. Nós lá de casa gostamos muito dele, ele nos faz muito felizes. Seu signo é touro, planeta regente é Vênus, elemento terra e sua pedra é ágata.

Ah! O meu cachorro tem 50 centímetros de altura em pé.

Guilherme Reis
3ª série C

Texto elaborado após uma conversa em sala sobre bichos de estimação. Os que têm bicho de estimação falaram dele, e os que não têm falaram sobre qual animal gostariam de ter e como ele seria.

Carla Cristiane Loureiro
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Você matou sua fome? 1

Este ano de 2003, realizei muitas coisas. A escola nos proporcionou bastante atividades interessantes e lazer.

Tivemos o prazer de conhecer a cidade mais antiga de Santa Catarina, São Francisco do Sul.

Viajamos para Laguna onde visitamos o museu de Anita Garibaldi e também o marco que dividia uma parte para Portugal e a outra para Espanha.

Em Criciúma fomos conhecer a mina de Carvão, onde tivemos a oportunidade de entrar e ver como eles trabalhavam.

Por último fomos ao município de Lages e fomos para o Hotel Fazenda Boqueirão. Tivemos muitas alegrias e diversões, andamos a cavalo, andamos de charrete e fomos de trenzinho até a uma linda cachoeira, tomamos banho de piscina e outras diversões.

A fome não tem só o significado de alimentos para o nosso corpo, mas também para o nosso saber.

Bianca Henrique Francisco
4ª série A

Você matou sua fome? 2

Matei,
Matei sim
Minha fome
De aprender
Sobre frações,
Números decimais,
Porcentagem.
Também matei minha fome
De saber histórias antigas
Proclamação da República,
Anita Garibaldi...
Matei a fome de saber
Sobre a origem do carvão
E moedas brasileiras.
Já estou ficando com fome
De 5ª série.
O que será que vai ser
Oferecido no cardápio?

Marina Kremer
4ª série A

Durante o ano letivo 2003, trabalhamos o tema gerador: “Você tem fome de quê?” escolhido pela escola. Nesta caminhada, foram abordados vários gêneros textuais, onde os alunos pesquisaram e construíram seus próprios textos.

Ao término das atividades letivas, solicitamos que cada aluno escolhesse o gênero com o qual mais se identificou e escrevesse algo que permitisse ao leitor, observar o tipo de fome que sentiu e que fome ainda está por ser saciada.

Izabel Gomes
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Não arrumei namorada

Não arrumei namorada,
Por falta de tempo,
Pois jogo futebol,
E solto pipa ao vento.

Não arrumei namorada,
Ainda não quero me casar,
Vou brincar bastante,
E primeiro estudar.

Não arrumei namorada,
Mas vou crescer e namorar,
Quem sabe com uma garota,
Aqui da sala vou casar.

Paulo Vitor Krawulski de Oliveira
4ª série B

Namoro, não experimento!

Todos têm namorada,
Só eu que não tenho, não.
Quando vejo eles se beijando,
Fico que nem um bobão.

Eu nunca fiz isso,
Não quero namorar.
E também no meu futuro,
Não desejo me casar.

Não quero namorar,
Não namoro com ninguém.
E como eu já disse antes,
Não me caso e não faço neném.

Thales Tomé Gregório
4ª série B

Os gatos

Gatos brancos,
amarelos,
marrons,
os gatos não são belos?

Pretos dão sorte,
dizem que são fortes.

Os gatos brancos,
são francos.

Os amarelos,
são tão belos!

E os marrons,
oh, dão sorte!

Luna Cassel Trott
4ª série B

A professora Andréa desenvolveu com a 4ª série B um trabalho de leitura, interpretação e apreciação de poemas, e nele foram abordados alguns aspectos da linguagem poética: verso, estrofe, rima, ritmo, sonoridade. *Namoro desmanchado* de Pedro Bandeira e *As borboletas* de Vinícius de Moraes serviram de inspiração para a produção dos alunos.

Andréa Lúcia Paiva Padrão
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Participando do 1º EKO PORÃ

Iniciamos a estação da Primavera participando de uma atividade organizada pelo SINTUFSC – 1º EKO PORÃ.

Fomos ao auditório do CFH e lá, através do folclorista Gelci José Coelho (conhecido como Peninha), muito bem humorado, descobrimos o significado da palavra EKO PORÃ. Para os guaranis, quer dizer vida boa, bonita para todos.

Ele nos contou diversas histórias do folclore da Ilha e disse que enquanto alunos, cidadãos, devemos respeitar e cultivar nossa tradição.

Depois de muita conversa, ainda assistimos uma mostra de vídeo chamada Vitrine Viva – Quando as Grades Silenciam a Vida. O vídeo mostrava como são maltratados os animais dos zoológicos de Santa Catarina. O pequeno espaço e a tristeza em que eles vivem foi o que chamou mais atenção. Percebemos mais uma vez, através desse vídeo, o quanto seria importante para eles estarem no seu próprio habitat.

Uma funcionária do SINTUFSC nos convidou para participarmos da promoção organizada para o resto do dia. Atividades como ouvir histórias, fazer troca-troca de objetos como roupa, livro, brinquedo, bijuteria, etc. foram realizadas.

Voltamos para o colégio contentes por termos participado desse evento realizado para comemorar a chegada da Primavera.

Texto coletivo
4ª série C

Os alunos da 4ª série C iniciaram a estação da Primavera com uma atividade organizada pelo SINTUFSC.

Maria Clarete Borges de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Você tem fome do quê?

- Alfredo: Estou com fome de estudar.
Aline: De que meu tio saia logo do hospital.
Ana Carolina: De ser uma boa aluna e de brincar com meus colegas.
André Augusto: Tenho fome de paz, amor e solidariedade.
Arthur: De ver meu amigo que não vejo há três anos.
Bruna: De minha cadela que roubaram da minha casa.
Bruno André: Paz, paz, paz!
Bruno Verfssimo: Do meu gato que morreu.
Daiana: De paz.
David: Tenho fome de que não haja guerra.
Francielle: Tenho fome de fazer novos amigos.
Gabriel: Tenho fome de paz, sem guerras no mundo.
Jéssyca: Eu tenho fome de paz.
Karyne: Tenho fome de mais justiça no mundo.
Marcus Vinícius: De jogar videogame.
Mariana: Da minha cadelinha Dorinha que morreu.
Michelle: Das aulas da professora Maristela que foi morar em Curitiba.
Nathan: De rever meu pai que está viajando.
Paula: De ver meus tios.
Rafaela: De não pegar conjuntivite e dar muito amor e carinho.
Sabrina: Tenho muita fome de que meu pai volte dessa viagem tão demorada.
Samuel: Tenho fome de ver minha mãe alegre.
Tayse: Eu tenho fome de sonhar.
Thiago C.: Tenho fome de paz.
Thiago S.: Eu tenho fome de justiça e paz.
Victor: de dar carinho.
Vinícios: De ver minha tia Salete que está em Brasília.
Willian: fome do meu cachorrinho Pingo que morreu.
Professora Clarete: Tenho fome de conhecer os alunos da 4ª série C.
Professora Ariane: De iniciar minha carreira pedagógica com o apoio dos profissionais do CA.
E você, tem fome de quê?

Texto coletivo
4ª série C

Um grupo interdisciplinar de professores propôs iniciar o ano letivo de 2003 com o tema “Você tem fome do quê?” por ser representativo do momento histórico que estávamos vivendo. Esse tema resultou no envolvimento de todos os segmentos do Colégio de Aplicação. Das várias atividades desenvolvidas com os alunos da 4ª série C, uma realizada com mandalas e a busca do equilíbrio foi bastante significativa para a turma. Como produção, os alunos elaboraram mandalas e nelas escreveram sua reflexão sobre a fome.

Maria Clarete Borges de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Séries Iniciais
2003

Vi a vida

Vi o homem com seus telefones
Vi a mulher com seus anéis
Vi a criança com seus brinquedos
Vi o bebê no seu berço.

Vi o pobre sem seu abrigo
Vi o negro com seus apelidos
Vi o mendigo sem seu colchão
Vi o mundo sem ilusão.

Vi a vida como ela é
Vi o mundo com meus próprios olhos
Vi tudo diferente!!

Valentina Santiago Freitas
5ª série A

Um pouco de mim

Minha vida é corrida com obstáculos,
Cada um que passo me sinto mais
aliviado.
Estudo em um colégio muito legal!
Que é um dos melhores da capital.
Moro no Campeche, sul da ilha,
Com minha família.
Gosto de andar de bicicleta,
Em uma rua deserta.
Quando olho para o mar,
Dá vontade de surfar.
Meu sonho é viajar até a Espanha,
E comer castanhas.
Eu quero dormir tranqüilo,
Quando acordar saber que estou ainda vivo.

Alexandre Becsi
5ª série A

Meus melhores amigos

Meus melhores amigos
Para mim são um tudo
Estudo com eles
Brinco
Me dá vontade de dar presentes
Um boné caro de couro.
Quando passo na rua olho para eles
Com muita felicidade
Pergunto se querem brincar.
Quando a resposta é sim
Meus olhos começam a brilhar.
Fico feliz de montão!
Mas quando a resposta é não...que tristeza!
Meu rosto fica triste,
Franzido.
Fazendo sombra.
Parece um borrão,
Então vou para casa assistir televisão.

Vinfcius Machado
5ª série B

Doce sonho

Sei que serei esquecida...
Assim é a lei do mundo.
Um doce sonho profundo
Dura apenas um segundo
Amor... amizade... paixão...
Doces sonhos que se vão
E ficam nas saudades
Saudades do coração.

Marjory Menezes da Rocha
5ª série B

Através do misterioso e maravilhoso processo de criar os poemas, as crianças revelam não só a experiência poética de cada uma, mas, acima de tudo, expressam os sentimentos da descoberta, da solidão, do amor e da alegria de viver. Os alunos produziram poemas a partir de quatro temas/desafios: minha vida, meu mundo, amigos e família. O resultado metamorfoseou-se em um caderno de poesia que foi batizado de POEMAS DE SALA DE AULA.

Querubina Ribas Pereira
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Minha amada mulher Isadora

Estou mandando esta carta, para dizer que estou com muitas saudades.

Estou morando aqui em São Paulo. A vida está muito difícil aqui, tem dia que como e outros não.

Todo dia eu saio à procura de trabalhos, mas só consigo um bico aqui outro ali. Mas passo a maior parte do tempo recolhendo latinha e papel para vender.

Sabe a Luiza, que você deixou para eu cuidar? Então, ela está morando com aquela sua tia, que se chama Claudete. Ela irá viver muito melhor com a tia do que comigo.

E como você está aí?

Como estão nossos filhos Mario, João, Maria, Pedro, Ricardinho e a Salete?

Você já conseguiu arrumar um trabalho?

Você não tem idéia do que aconteceu! Sabe a tia Marilene? Ela foi atropelada por um caminhão. Foi braço para um lado, perna para outro. Foi muito triste.

Estou morrendo de saudade de você e dos nossos filhos. Não vejo a hora de te ver.

Muitos beijos,

João.

Paula de Andrade Borges

5ª série C

Meu querido filho Jéferson

Me desculpa pela demora, mas eu não vou poder ir mais visitar você aí no Rio Grande do Sul, por conta de trabalho na roça.

Espero que você me entenda.

Como vão as coisas por aí? Espero que esteja tudo bem.

Sabe filho, as coisas estão muito ruins por aqui no sertão, por isso não quero que você volte a morar aqui.

Tenho uma novidade eu me mudei para a casa da frente que já está pronta. Não vejo a hora de você ver.

Mande um beijo para todos aí.

De seu querido pai.

Tatiana Guimarães da Silva
5ª série A

Foi trabalhado com uma carta escrita por um rapaz pobre que se apaixonou por uma moça rica, sendo que seu pai não aprovava o namoro. Como tarefa, os alunos perguntaram para os pais se eles mandavam muitas cartas e como eles viam esse processo de escrita.

Após os alunos assistirem ao filme Central do Brasil, houve um debate entre os alunos sobre a escritura de cartas. A professora ensinou todos os passos e toda a estrutura de uma carta. Todos os alunos assumiram o papel de um escritor de cartas, após terem recebido uma tira de fotos com alguns retirantes, digo, figurantes do filme.

Rosa Maria Somavilla
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Shakespeare apaixonado 1

Este filme conta a história de William Shakespeare e Viola.

William é o escritor de “Romeu e Julieta”.

Viola era uma bela moça que adorava teatro; ela escuta um homem falar de uma peça (Romeu e Julieta), ele fala o lugar dos testes, etc, para uma outra pessoa.

Como na época as mulheres não podiam fazer teatro ela se veste de homem e passa no teste. Mas na hora em que ela fala o texto William se levanta e pede para ele (ela) tirar o chapéu e ela se recusa e sai correndo. William segue ela e descobre quem realmente ela é. Naquele dia então eles fazem amor. E ele, mesmo depois de saber quem ela é, deixa ela fazer teatro.

Depois passa um tempo e ela é descoberta e o teatro é fechado e reaberto.

No dia da peça o homem que faria o papel de Julieta esquece o texto e um senhor vai na platéia e pergunta se alguém quer fazer a peça. Viola em pleno dia do casamento estava na platéia e vestida de noiva aceitou ser Julieta. E o teatro foi fechado, pois a rainha estava na platéia e o noivo de Viola também.

William e Viola não ficam juntos, pois Viola já estava cansada. Mas combinam de se escreverem e nas viagens se encontrarem.

Mariana Nor do Nascimento
5ª série B

Shakespeare apaixonado 2

Shakespeare Apaixonado, comédia romântica de John Madden foi feita em 1998, na Inglaterra. O filme se passa em épocas antigas sob o reinado de Elizabeth I.

O ator Joseph Fiennes atua William Shakespeare, um jovem escritor que anda sem inspiração para terminar sua peça. Até Thomas Kent se oferecer para atuar na peça, mas ele era na verdade Viola (Gwyneth) uma nobre mulher que sempre quis atuar no teatro, mas devido às leis da época não podia. Mas Will acaba descobrindo Viola e tem um romance secreto com ela. Mas Viola por ser uma mulher nobre está comprometida a se casar com Wessex.

Luisa Martins Fagundes
5ª série B

Os alunos assistiram ao filme “Shakespeare Apaixonado”, discutiram sobre o enredo do filme, o contexto histórico e os temas abordados. Em dupla cada aluno contou o seu resumo para o amigo. Houve um concurso de contação de história. Leitura de resenhas de filmes pelos alunos, explicação de como se faz uma resenha e então os alunos fizeram sua resenha.

Querubina Ribas Pereira
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

A viagem do coelho e o boi

Era uma vez um boi e um coelho.

Um dia, os dois resolveram fazer uma viagem, pois os dois eram muito amigos.

Os dois moravam no matagal do morro do Mocotó, em Florianópolis, e eles pretendiam ir ao Campeche.

O coelho era muito simpático, mas o boi era muito vulgar.

O único problema da viagem era que eles não sabiam onde ficava o Campeche.

O coelho deu a idéia de ir perguntando para outros animais. O boi não gostou muito da idéia, mas mesmo assim eles partiram.

Quando chegou a noite, os dois estavam perdidos. Tudo por causa do boi, pois ele não queria que o coelho perguntasse pra ninguém. O boi se achava o esperto.

O coelho começou a falar com o boi:

- Viu, se você tivesse perguntado para os outros animais, não estaríamos perdidos!

O boi respondeu:

- Então por que você não parte sozinho e vai perguntando para todo mundo?

- É isso aí. Vou partir sozinho, respondeu o coelho.

No dia seguinte, o coelho já estava no Campeche e o boi estava perdido ainda, então ele falou:

- O coelho estava certo, deveria ter perguntado.

MORAL: Quem tem boca vai a Roma!

Lucas de Souza Silva
5ª série C

A cegonha e o macaco

Num certo dia, a cegonha e o macaco descobriram que estavam com uma doença terrível. A cegonha ficou muito triste mas não perdeu as esperanças de continuar viva. Já o macaco, também ficou muito triste. Ele não acreditava que tinha ficado com aquela doença, ele achava que iria morrer.

No dia seguinte, a cegonha começou a fazer um tratamento para tentar combater aquela doença. Já o macaco não fez tratamento nenhum e, quando alguém perguntava por que ele não fazia o tratamento, ele sempre respondia:

- Pra que tratamento se eu vou morrer mesmo? A cegonha é que é tola, garanto que aquele tratamento é só perda de tempo e dinheiro!

Tempos depois, a cegonha fez um exame para saber se o tratamento tinha funcionado e se não tinha mais aquela doença.

- Tenho ótimas notícias, dona cegonha. Você está curada, parabéns! – disse o médico, que era um urso.

A cegonha ficou muito feliz, exceto por ter recebido uma notícia muito triste:

- O macaco morreu! – disse um amigo do macaco.

A cegonha não ficou muito surpresa com a notícia, pois o macaco não acreditava que ia combater aquela doença terrível. Ele vivia dizendo para todo mundo que ia morrer, nem tratamento ele fez!

MORAL: A fé remove montanhas!

Viviane Michels Motta
5ª série C

Esses dois textos fazem parte do livro “Grandes fábulas escritas por pequenas pessoas”, fruto de um trabalho voltado para o estudo do gênero discursivo – Fábula, promovido ao longo das aulas da disciplina de Língua Portuguesa, na 5ª série C, visando ao exercício da leitura e da escrita do texto literário na sala de aula, para a promoção do aluno nessas habilidades. O projeto desse trabalho também foi pensado, levando em conta a importância que tem para o aluno a circulação do material produzido por ele próprio. Em função disso, os textos foram reunidos em um exemplar, deixado à disposição na biblioteca do colégio, do qual foi feita uma cópia para cada aluno.

Heliete Schütz Millack
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Maratona em Florianópolis dá um novo sentido na vida de deficientes físicos

Além das provas convencionais, a Maratona de Florianópolis iniciou hoje, dia 10 de Setembro, as provas para deficientes físicos.

A maioria dos eventos de atletismo contém apenas provas convencionais, excluindo os deficientes. Não aprovando isto, Carlos Albergue, organizador dos eventos de atletismo de Florianópolis, dá chance para que deficientes físicos possam aproveitar dos benefícios do atletismo. “Além de ser um esporte muito saudável para o corpo, também é muito bom para a mente, pois dá um sentido em tentar superar seus limites”, diz ele.

As primeiras provas já destacaram talentos, como o atleta deficiente Matheus Tadeu, que ficou em primeiro lugar nas provas de 400, 800 e 1000 metros e no arremesso de peso.

Lucas Bruno Barbosa Sandoval
6ª série B

Este trabalho teve início com leitura e comparação do enfoque dado à notícia em jornais diferentes. Dentre outras atividades de produção textual, os alunos trabalharam com textos jornalísticos, dando ênfase à notícia, através de imagens distribuídas, os alunos produziram seus textos observando os elementos essenciais deste gênero textual.

Sônia Locatelli Régis
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Misteriosa noite

Numa noite, que aparentemente era comum, Laura e seus amigos brincavam em sua casa.

Ao terminarem o jogo, Luiz olhou pela janela e escutou um barulho estranho, que vinha de uma casa misteriosa no alto do morro.

Luiz contou para os outros o que tinha ouvido, mas tudo foi em vão, pois eles não acreditaram.

Até que o barulho aumentou e todos puderam escutar, ficaram com medo e ao mesmo tempo curiosos, pois ninguém morava ali há mais de dez anos.

Beatriz, a mais curiosa, deu como sugestão irem até a tal casa para ver o que estava acontecendo, e todos concordaram.

E assim foi feito, na noite seguinte todos se reuniram em frente a casa.

Já havia se passado uma hora, até que Beatriz tomou coragem e entrou na casa.

Assim que entraram na casa o barulho aumentou, com muito medo, as crianças abriram todas as portas que encontravam na enorme casa.

A casa, apesar de muito velha, estava bem conservada, até parecia que alguém morava ali.

Caminharam pela casa inteira até chegarem na última porta, já estavam todos convencidos de que não havia ninguém ali.

Estava tudo escuro só conseguiam enxergar a fresta de luz por debaixo da porta, até que Marcelo encontra a maçaneta e... abre a porta. Deitada em uma cama enorme, escutando música, uma velhinha sorridente convida-os a entrar.

As crianças com muito medo, entram no quarto da velhinha, que começa a conversar com eles.

Com uma voz tremida e baixa a velhinha responde todas as perguntas das crianças, que se acalmam lentamente, sem verem o tempo passar.

Ao amanhecer as crianças acordam apavoradas, à procura da velhinha que já não estava mais ali, tudo que encontraram foi um bilhete que dizia: "Será sonho ou realidade, com o decorrer da vida vocês saberão..."

E a música continuou, até as crianças saírem da casa. Quando chegaram em casa, para o alívio das mães, contaram tudo, mas ninguém acreditou.

Eles carregaram esse misterioso segredo pro resto da vida.

Gabriela Sens Bonetto
6ª série A

Após o estudo e leitura de textos narrativos-descritivos, os alunos produziram textos deste gênero. A aluna Gabriela criou esta narrativa a partir de sua imaginação, em 3ª pessoa, narrador-observador.

Sônia Locatelli Régis
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Rua da felicidade

A rua da felicidade é legal
Sem gente cara-de-pau
De manhã, pregões vendendo jornal
E donas de casa fazendo o café matinal.

A rua da felicidade, da cidade é diferente
Lá não tem gente doente
E nem família sem parente.

A rua da felicidade é legal pra se morar
Lá não tem desculpa
Pra não poder amar.

Victor Ferreira Farias
Guilherme Furtado Carvalho
6ª série C

Esta produção foi solicitada aos alunos após a leitura de várias obras e diversos autores, motivando o gosto pela poesia.

Entre as várias tendências poéticas, foi apresentada a literatura de cordel, cujo meio de divulgação eram os pregões. E, no final do processo, os poemas produzidos pelos alunos foram expostos em um varal na sala de aula.

Sônia Locatelli Régis
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Olimpíadas do CA – 2003

No primeiro dia das Olimpíadas do CA, foi super divertido.

Na abertura, todos estavam presentes com a camisa que mandamos fazer, todos uniformizados. O ginásio estava muito bonito, todo colorido com preto, amarelo, rosa, verde, branco, vermelho... todos juntos com suas equipes.

Logo depois fomos para o atletismo. Eu corri 50m, 800m e o revezamento de 8 por 50m. A única prova em que ganhei medalha foi a do revezamento, pois nos 800m não sei o que estava fazendo lá, e no 50m, na largada eu me atrasei, por isso fui mal.

Apesar de tudo, adorei o dia...

Segunda-feira nos encontramos às 14h lá no Centro de Desportos, mas só jogamos mais tarde futebol.

Terça-feira não jogamos, pois choveu... mais tarde, quando a chuva parou um pouco, jogamos vôlei.

Quarta-feira, jogamos super bem handebol.

Quinta-feira, não jogamos o dia todo, pois choveu e fiquei em casa.

Sexta-feira, jogamos o dia todo, embaixo daquele sol, super forte, mas foi bem legal. Não jogamos todos os jogos, pois não deu tempo. Jogamos na próxima quinta-feira na aula de Educação Física.

Adorei as Olimpíadas do CA.

Lara Alvarez Mascheroni
6ª série A

Texto produzido no terceiro trimestre, após as Olimpíadas do Colégio de Aplicação, quando todos comentavam sobre sua participação no evento. Então foi sugerido pela professora que narrassem com o uso da linguagem escrita.

Sônia Locatelli Régis
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Bicho de sete cabeças existe?

Sim, existe e por mais incrível que pareça está rodeando nossas vidas, são as drogas. Isso aparece no filme “Bicho de sete cabeças”, que fala sobre a vida de um adolescente, chamado Neto. Com problemas de relacionamento com a família, envolvimento com a maconha, com drogas, pichadores, com o preconceito na sociedade, foi internado com o objetivo de melhorar, mas acaba piorando o quadro, com complicadas conseqüências.

O filme mostra a falta de relacionamento entre pai e filho adolescente. Tendo dificuldade de relacionamento, o pai não respeita as idéias do filho, conseqüência da falta de comunicação.

Os conflitos entre pai e filho são importantes para o crescimento das pessoas, pois é errando que se aprende. Existem também conflitos que são exagerados e que não fazem bem para as pessoas, que podem até ficar traumatizadas.

O filme mostra muita importância que um pai dá para a opinião da sociedade. Ele como a maioria dos pais quer o bem do filho, mas nesse ponto ele troca os valores e acha mais importante o que a sociedade pensa do filho.

Os adolescentes que se metem com drogas e mesmo assim se recuperam, sofrem de preconceito, no emprego, com os amigos, na escola, em lugares que freqüentamos no dia-a-dia, com a namorada, com a mãe do seu amigo.

Nem todos os adolescentes são rebeldes, agressivos e revoltados, muitos são calmos e pacíficos. Mas começam a se distanciar da família e acabam tendo distúrbios sentimentais.

No filme também mostra manicômios, em que tratam de loucos, mendigos e drogados. O tratamento é muito ruim, os médicos dão vacinas, remédios e até colocam na solitária sem piedade, só para ganhar mais dinheiro. Pior é que isso não é só em filmes, mas na realidade também.

Carolina Becker Peçanha
Vicky Chula Martins
7ª série C

Conflitos e drogas na adolescência

Assistimos ao filme “Bicho de sete cabeças” que trata do uso das drogas, dos relacionamentos entre um jovem e seu pai, como é o manicômio, os conflitos, etc.

Nele são apresentadas as dificuldades entre pai e filho, como quando o pai descobre que o filho está usando drogas e a falta de diálogo. Porém, é importante destacar que estas dificuldades e conflitos são importantes na formação da identidade do filho. São importantes, pois o ser humano tem sua personalidade, baseada nas suas experiências, e assim, quando Neto e seu filho tiverem seus conflitos, Neto já estará amadurecido para lidar com estes.

Na adolescência, há mais agressividade e rebeldia, pela insegurança que se tem nessa idade. Os pichadores são um exemplo dessa insegurança. Às vezes, por raiva dos conflitos familiares ou da sociedade, cometem este tipo de crime. Em outras ocasiões, quando estão drogados, sem noção do certo e do errado, são mais arrojados em suas atitudes rebeldes e acabam pichando. Mas nem sempre os adolescentes se comportam deste jeito.

Segundo o filme, os manicômios parecem um “caminho sem volta”, pois além de ficarem mais loucos do que já eram, não lhes davam ouvidos, atestando sua loucura. No filme, traziam drogados, mendigos e os próprios loucos para lá, com o objetivo de ganhar o repasse do governo. Achamos também que esta é uma visão muito comercial para o que deveria ser pessoal.

O filme também trata do preconceito e dos padrões de conduta social, o que é bem apresentado quando Neto é expulso da casa de seu amigo. Isso acontece porque Neto voltara do manicômio, o que o torna uma pessoa não aceita pela sociedade.

Achamos o filme legal, pela versão do uso das drogas que ele dá e pela visão do conflito com os pais. Talvez tendo a compreensão do ponto de vista representado nos filmes dos conflitos, os pais possam lidar melhor com os mesmos, quando os tiverem.

Danilo Nunes do Carmo
Eduardo Zen Cerny
7ª série B

Após leitura de “O tio que flutuava” de Moacyr Scliar, que trata de maneira secundária as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, assistimos ao filme “Bicho de sete cabeças” que também traz o tema “relacionamento familiar” à tona, porém em primeiro plano. Feito isso, a turma sentiu-se com argumentos para uma boa discussão oral, regada naturalmente com suas próprias experiências pessoais. O texto a ser escrito, em razão disto, ficou fácil de redigir.

Tânia Mara Cassel Trott
Professora-orientadora/ Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Cinco séculos, descobrimentos e mordidas

Ai!!! Meu pescoço... Não era assim que começava o livro? Que livro? Ah! Claro! O vampiro que descobriu o Brasil... um excelente livro, fácil de ler e uma ótima forma de aprender um pouquinho mais sobre a história do nosso Brasil.

Antônio Brás, um autêntico português que, os únicos prazeres de sua vida eram tomar vinho tinto rascante, comer grandes lascas de bacalhau frito no azeite e cuidar de sua tasca. E o que acontece quando tudo isso lhe é tirado por um vampiro? Antônio corre atrás do Velho, o vampiro que só por Antônio estar em seu caminho o ataca, descontando sua raiva... Antônio corre atrás dele com “unhas e dentes”, mais dentes é claro... he he.

Antônio conta os acontecimentos de sua vida e vai em busca de sua mortalidade. Pois, como Domingos falou “É preciso espetar uma estaca de carvalho no coração do vampiro que te criou e aspirar as cinzas em que seu corpo se transformará”. Só assim Antônio teria novamente sua alma mortal.

Ao longo da história da nossa terra, Brás passa a defender o Brasil, não mais Portugal, como fazia no início dos tempos. Notou que a coroa portuguesa só estava atrás de nossas riquezas.

Em busca do Velho, Antônio passa por diversos lugares, praias, cidades, portos... e conhece alguns dos interessantes personagens que “montaram ou desmontaram” o nosso Brasil...

No final do livro, concluí que se é para ter uma vida eterna de brigas, guerras, explorações, injustiças... é melhor ser mortal mesmo...

Mayan Cavalcanti Spach
7ª série B

O redescobrimento do Brasil

O livro tem um assunto que já é comum para nós. Mas ao mesmo tempo, traz essa história de um jeito diferente, que nos chama a atenção. Por esse motivo, não tive dificuldades para entendê-la.

O assunto, o descobrimento do Brasil, foi muito bem trabalhado pelo autor, pois junto com vampiros, trouxe uma história de um ponto de vista incomum ao que estamos acostumados a ver. O autor também conseguiu tornar o fato do descobrimento mais atual.

Outro fator que nos chama a atenção para a leitura do livro é o título. Nos faz imaginar a história apenas lendo o título ou vendo a própria capa. Na minha opinião, este título foi escolhido porque o livro traz o descobrimento visto por outros olhos, e não os dos navegadores que aqui chegaram se auto-intitulando os donos de um país tão grande. E é nesse mesmo país que se passa a história. Ela mostra as mudanças que ocorreram em muitos anos: “os tempos iam mudando, as ditaduras deixavam de ser necessárias...”

Através dos anos em que viu o Brasil crescer, Antônio passou por várias situações, em que pôde ver como as pessoas não mudam com o passar dos anos. Antônio buscava em todo esse tempo o vampiro que havia lhe tornado imortal. Passou por situações em que achava que teria sua mortalidade novamente, mas que não passavam de alarmes falsos, que fizeram com que Antônio tivesse ainda mais vontade de ter sua vida normal de volta.

Eu gostei de ler o livro e o recomendo. Acho que o autor quis mostrar o nosso país de um jeito diferente, do olhar de outra pessoa, para que possamos valorizá-lo e também, valorizar a nós mesmos, porque a vida é muito boa para quem a aproveita do jeito certo.

Camila Bergamin
7ª série B

Como encerramento das atividades propostas a partir de a leitura de “O vampiro que descobriu o Brasil” de Ivan Jaf, os alunos teceram comentários a respeito da história lida: assunto principal, contexto histórico, situações vividas pelos personagens, conflitos, mensagem e outros. Cada um, a sua maneira, apontou suas impressões sobre esta viagem de 500 anos!

Tânia Mara Cassel Trott
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Encontrar amigos é encontrar uma família

Jamal, antes de conhecer Forrester, costumava ler muitos livros. Isso facilitou muito na hora que conheceu Forrester e começou a escrever interessantes textos. Ele estudava numa escola pobre. Com seus belos textos, boas notas e com o ótimo resultado no teste feito em sua escola, Jamal conseguiu uma bolsa numa das melhores escolas da cidade.

Quando ainda estudava em sua antiga escola, Jamal jogava basquete em uma quadra do Bronx, em que um homem ficava na janela observando-os. Certo dia, seus amigos o desafiaram a entrar na casa do “Janela” e ver o que tinha lá. Seu sonho era ser jogador de basquete, mas com a ajuda que recebeu de Forrester, tornou-se um ótimo escritor, ao invés de jogador de basquete.

O filme trata de vários assuntos como o preconceito, a amizade, a família, a escola, etc. Falando em preconceito, Jamal sofreu preconceito social e racial. Primeiro no basquete, quando um outro aluno achava que só por Jamal ser negro, iria ser um péssimo jogador. Mas Jamal conseguiu mostrar que era muito bom no basquete, independente de sua cor ou classe social. Depois, houve o caso do texto que entregou ao professor de literatura. Este duvidou dele tê-lo escrito tão bem. O professor achou que um negro de classe social baixa e vindo de uma escola ruim, não poderia escrever um texto bom.

Quanto aos amigos, ele sempre teve seus amigos do basquete, e logo após conheceu a garota que apresentou-lhe o novo colégio e seu melhor amigo, Forrester. Forrester e Jamal se tornaram tão amigos que Forrester passou a lhe considerar como sua nova família. Forrester ajudou Jamal a escrever melhor e Jamal o ajudou a conseguir voltar a sair de casa, ter uma família.

Gostamos muito do filme, porque além de ter uma boa história, tem muitos temas que podem ser refletidos e discutidos.

Alessandra Garcia Schmitz
Eduardo Zen Cerny
7ª série B

Amizade, basquete e leitura

Jamal Wallace era um garoto comum de Nova York, do bairro Bronx, que jogava basquete. Todos pensavam isso, mas para Jamal, não era assim que devia ser.

Jamal sempre gostou de ler e escrever, mas ninguém sabia disso, além de sua mãe. Ele sempre escreveu muito, mas nunca mostrou seus textos a ninguém. Até que um dia, em uma aposta, entrou na casa do “Janela”, um homem que vivia vigiando-o, e acabou esquecendo sua mochila lá.

O “Janela” era na verdade um grande escritor, William Forrester, mas ninguém sabia. Depois de Jamal esquecer sua mochila lá, William corrigiu todos os seus textos que estavam dentro dela, dando opiniões como: “ótimo texto”, “também acho isso”, etc.

No filme, Jamal vai pedir ajuda a Forrester para melhorar seus textos, seu modo de escrever, mas sem perceber, ele acabou ajudando-o.

A história fala sobre amizade, preconceito racial e social. Falando sobre amizade, entre Jamal e Forrester, que no começo só tinham uma relação de professor e aluno, mas como toda pessoa que convive com outra diariamente, acabaram ficando amigos, o que resultou em Forrester sair de casa, depois de anos sem ter contato com o mundo exterior e achar uma nova família.

Falando em preconceito racial e social ao mesmo tempo, ninguém acreditava em Jamal, por ser negro e de classe média. O preconceito apareceu em muitos momentos. Usando como exemplo, o texto que Jamal fez, em que o professor da sua escola, acabou duvidando de seu trabalho por ser muito bom. Mas tudo isso acabou sendo deixado de lado quando Forrester leu um texto escrito por Jamal em público. Todos o aplaudiram de pé pensando que ele mesmo era o autor, mas quando souberam que o texto havia sido escrito por Jamal, o preconceito dos alunos e dos professores sumiu, perceberam que ele era capaz.

Em geral, o filme fala que até o preconceito pode ser quebrado quando se conhece a pessoa, e também sobre amizade, que não importa a cor, a idade ou classe social, que o que importa é a personalidade. A história manda uma mensagem de que antes de discriminarmos uma pessoa, devemos conhecê-la melhor.

Júlia Saraiva da Silva
Vinicius da Silveira Segalin
7ª série B

O tema norteador do segundo trimestre foi “Adolescência”. Realizamos a leitura do livro “Esmeralda” de Esmeralda do Carmo Ortiz, em que retrata as dificuldades de uma adolescente para vencer as drogas e reabilitar-se socialmente. Na sequência assistimos ao filme “Encontrando Forrester”, onde acompanhamos o percurso de um rapaz adolescente, lutando contra o racismo, o preconceito social e ao mesmo tempo lutando com as palavras: queria ser escritor. Num caso e noutro, tiveram sorte, encontraram alguém e uma porta aberta.

Tânia Mara Cassel Trott
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

À Revista Capricho

Meu nome é Mayana Borges, tenho 14 anos e moro em Florianópolis desde que nasci. E não posso deixar de comentar que amei a matéria “Vá com tudo!” da edição nº 926, na qual vocês sugerem Floripa como um bom lugar para passar as férias, porém, acho que poderiam ter dado mais destaque para Floripa que é uma ilha realmente maravilhosa! As praias são lindas, não só a Mole e a Brava como várias outras: Joaquina, Barra da Lagoa, Armação, Matadeiro, Ingleses... Além disto, a ilha tem um clima super descontraído, não só o clima, mas as pessoas também. As baladas são super agitadas e cheias de gente bonita. Acho que, para quem não conhece ainda Floripa, agora no verão é mesmo a melhor época para vir para cá! E, certamente, se vierem, não irão se arrepender, pois a ilha da magia com certeza contagia a todos! Eu amo esse lugar e não o trocaria por nada desse mundo!

Mayana Borges
8ª série B

À Redação da Superinteressante

Primeiramente, gostaria de parabenizar a Super pela Reportagem de Capa “Como Hitler pôde acontecer”, de novembro do corrente ano. Sou estudante e estou acostumada a ouvir falar sobre Hitler e achei muito interessante o modo como a revista apresentou sua história: descrevendo as várias teorias sobre ele existentes, e não simplesmente apontando uma única como a verdadeira. Nunca entendi o motivo, o porquê do genocídio instigado por Hitler; após ler a matéria posso dizer que acho prováveis as versões que dizem que os judeus estão presentes no passado de Hitler: a que diz que Hitler na verdade possuía sangue judeu e a que afirma que o ditador da Alemanha nazista passou a odiar os judeus quando por um câncer sua mãe perdeu a vida; Hitler teria culpado o médico Judeu – daí a origem do ódio.

Porém, achei fútil a colocação referente à sexualidade de Fühver: ser ou não ser homossexual não interfere na sanidade de ninguém. E é sempre válido lembrar que apesar de ser o personagem principal do nazismo alemão, um austríaco sozinho não teria matado milhões de judeus; ele recebeu ajuda e apoio para isso, e a raça puro ariana sentiu-se no direito de não se contaminar com a miscigenação, um processo tão inferior e decadente que acabaria desconsagrando sua supremacia étnica e cultural.

Enfim, como diz o ditado, o homem inteligente aprende com seus erros, mas a humanidade ainda não aprendeu que não deve agir de uma forma individualista. E me pergunto: onde tudo isso irá parar?

Camila Maria de Souza
8ª série B

À Revista Veja

A reportagem “Dólares que caem do céu”, do dia 05 de novembro, me chamou muito a atenção por mostrar que alguns artistas da cultura POP, mesmo após a morte, continuam com sucesso, muitas vezes até maior do que tinham quando vivos. Nunca imaginei que pudesse ser tão grande o número de pessoas que continuam comprando produtos e usando a imagem deles para propaganda. No nosso dia-a-dia, nem nos damos conta de que algum famoso deve estar ganhando alguns “poucos” milhões com a propagação de sua imagem. Ainda saber que os herdeiros desses famosos mortos podem ganhar uma fortuna sem fazer nada. Exemplo de Lisa Marie Presley, filha de Elvis Presley, que recebe em sua conta toda a renda ganha por causa do pai. Gostei muito da matéria, porque mostra e prova o tanto de dinheiro que esses herdeiros ganham; “têm a vida ganha” sem precisar trabalhar, mas enquanto isso muitas outras pessoas não têm emprego e passam fome. Graças à desigualdade social que temos no mundo, não é possível todas as pessoas possuírem o mesmo padrão de vida, principalmente por causa da má distribuição de renda.

Naiana Hess Santos
8ª série A

À Editoria de Opinião - Diário Catarinense

Sou torcedor do Figueirense e li a reportagem sobre a convocação do volante Carlos Alberto (12/11/03). Concordo que ele merece ir para a seleção, mas acho que existem jogadores melhores na equipe do Figueirense, como Fernandinho, Édson Bastos e, por que não também, Bilu, que vem se destacando nas últimas partidas. Acho que deveriam começar a observar mais esses jogadores.

Mudando de assunto, o Figueirense deveria tratar logo de arrumar um atacante goleador, porque, se o time quer entrar em uma competição importante como a Copa Sul-Americana (o que é seu objetivo no momento), tem que fazer gols. Os zagueiros e os meias não vão ficar “levando o time nas costas”. Tomara que Rodrigo seja esse goleador que tanto esperamos. Mesmo assim, gostaria de parabenizar o Figueirense pela sua campanha no Campeonato Brasileiro e principalmente o goleiro Édson Bastos, que para mim é o melhor jogador do Figueira.

Guilherme Reis Kraieski
8ª série B

Com o objetivo de trabalhar o gênero **carta do leitor**, foram desenvolvidas atividades como: análise de crônica, notícia e carta do leitor (tema, linguagem, função, autor, público leitor e veículo de publicação). Após análise de cartas construídas com diferentes recursos argumentativos, foi solicitada a produção de uma carta comentando uma notícia trazida pelos alunos. Várias delas foram publicadas em veículos como: Jornal DC, Revista das Religiões, TV Brasil, Cover Guitarra...

Nara Caetano Rodrigues
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Admirável Acerto???

Como descrever o livro de Aldous Huxley, “Admirável mundo novo”??? Perfeito? Interessante e previsível?? É difícil dizer. O livro foi escrito em 1932 e, naquele tempo, a realidade era bem diferente. Eram outros conceitos, outros valores, outras idéias... Posso afirmar apenas que o autor era quase um gênio. Imagine só: naquela época, era quase inimaginável o fato de alguém nascer de uma máquina (até hoje ainda é meio difícil), sendo que até mesmo o sexo naquela época era assunto quase “proibido”. É... os tempos mudam, nós mudamos, a sociedade muda. Hoje, com toda a tecnologia que temos, ainda é difícil imaginar a sociedade do jeito que é descrita no livro. O “medo” de se falar no assunto “família” é algo cruel de se imaginar. Imagine você sem poder pedir socorro nos momentos difíceis e tristes, sem uma família para passar as datas comemorativas e os momentos de felicidade. Sem poder ter a alegria de ver chegar um filho ou um neto. O amor e os sentimentos em geral também não existiriam, assim como no livro, onde as pessoas estavam proibidas de ter sentimentos. Não... sorte que nossa sociedade não é ludibriada por uma simples pílula de felicidade.

Porém, apesar de que o autor fez algumas previsões erradas, ele indiretamente acertou em outras. As drogas, por exemplo, hoje são usadas quase livremente nas ruas e algumas são até vendidas como remédio. Na sociedade do livro, as pessoas eram incentivadas a usar drogas para esquecerem suas tristezas, estes que são os efeitos da cocaína, sendo que ela foi inventada no final da década de 30 para início da de 40.

Outro fato interessante é que o autor aborda o tema clonagem. O processo Bocanovysk consiste basicamente nisso, já que muitos embriões eram feitos de uma mesma célula, com diferenças que recebiam tratamentos diferentes ao nascer. Hoje em dia, não estamos mais longe desse sonho, pois já temos até uma ovelha clonada (Dolly, 1997). Porém, o mais impressionante é que o livro foi escrito em 1932, e o primeiro clone de um embrião (no caso, de uma rã), foi feito em 1953. Como poderia Aldous saber que isso ia acontecer?

As relações sociais, em certo aspecto, eram parecidas com hoje em dia, pois hoje existe o preconceito (negros e brancos, por exemplo) e, naquela sociedade, havia a divisão entre deltas, alfas, ípsilons e etc, porém, eles mesmos sabiam que todos precisavam de todos para a sociedade funcionar direito. Lá, as mulheres também tinham espaço no mercado de trabalho, ao contrário de hoje em dia, onde muitas vezes as mulheres são obrigadas a trabalhar como donas de casa.

Depois de todas essas conclusões, eu me pergunto novamente: como descrever este livro? Perfeito? Interessante e previsível? Provavelmente a última alternativa. Mas ainda continuo em dúvida por causa da genialidade do autor. Um futuro tão distante, só pode ser descrito por uma mente brilhante.

Hermano Buss
8ª série A

Admirável Mundo Novo!?

O mundo imaginado por Aldous Huxley, em “Admirável Mundo Novo” (1932), mostra uma sociedade doente que representa de certa forma metaforicamente o futuro dessa sociedade em que vivemos.

Poderíamos dizer que a sociedade mostrada viria a representar o futuro da sociedade capitalista. Nesse mundo, as pessoas estão completamente alienadas devido ao condicionamento que recebem desde criança. As pessoas são levadas desde pequenas a consumir, a não gostar de coisas que não gerem lucro para os administradores dessa sociedade.

Esses administradores controlam o funcionamento dessa sociedade que por sua vez só consome e produz. Nesse mundo, os indivíduos são pré-programados como se fossem máquinas. Não há mais procriação natural e sim indivíduos que são desenvolvidos geneticamente para serem tal ou tal coisa, trabalhar como pedreiro ou como aviador, por exemplo. Isto vem a ser a pré-programação que falei. Esses seres, devido ao condicionamento, aprendem a aceitar e adorar sua posição social não tendo vontade de alterá-la.

Com tudo isso, o mundo adquire a estabilidade desejada pelos administradores. Tendo estabilidade, a sociedade não se alteraria segundo eles, que por sua vez permaneceriam em sua posição avantajada. Os outros, em contrapartida, continuariam a viver felizes do modo que estão sem nem mesmo entender por quê.

Tudo era planejado de maneira a ninguém pensar e se revoltar. Se por algum motivo alguém se sentisse infeliz, havia soma. A soma era uma espécie de droga que causa a ilusão de prazer e felicidade. Além disso, havia o fato de todos serem de todos, ou seja, ninguém era reservado a alguém. Todos esses métodos para tornarem as pessoas felizes, como a promiscuidade, eram o meio de controle da sociedade. Como argumento, os administradores diziam que o fato de não poderem pensar por si mesmos e o modo que vivem é o preço a ser pago pela felicidade.

Em suma, Aldous Huxley em “Admirável Mundo Novo” quis nos levar a uma reflexão sobre nossa sociedade, a alienação provocada pela burguesia; o consumo e o modo de trabalho. No livro as pessoas são seres sem a capacidade de questionar. Eles se tornam menos que humanos, pois os humanos se caracterizam por serem racionais. Devemos, como o autor incentiva, questionar o mundo a nossa volta e então perguntarmos a nós mesmos: é isso que queremos?

Edson Edgar da Silveira
8ª série A

Após a leitura de artigos de opinião publicados em jornais de circulação regional, foi desenvolvido um trabalho de análise desses textos quanto a: função/objetivo de sua publicação; características dos autores e dos prováveis leitores; aspectos da argumentação e da organização textual. Para finalizar o trabalho, foi solicitada a produção de um texto de opinião, no qual os alunos deveriam relacionar a obra de ficção “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley, com aspectos da realidade vivenciada por eles.

Nara Caetano Rodrigues
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Suicida por acaso

Estava numa rua cheia de prédios, à procura de um apartamento que estivesse disponível para aluguel. Até que achei um anúncio, num apartamento, que dizia: “Aluga-se. Fone para contato: 233-4446.”

O problema era que o apartamento ficava no último andar de um prédio de oito andares e eu não conseguia ver nitidamente o número de telefone.

Parei na frente do prédio forçando a vista para tentar enxergar o tal número.

Como estava sem óculos, pensei que outra pessoa poderia me ajudar a ver o número e perguntei para a primeira pessoa que passou:

— Você consegue enxergar aquele número? – falei apontando para o anúncio.

Descobri que o problema não era que eu estava sem óculos, mas sim que o anúncio estava num local muito alto e o número era muito pequeno para que fosse visto por quem estava lá embaixo.

A pessoa apontava, junto comigo, para a placa, tentando decifrar o número.

— Eu acho que é 283, não, é 232, não, é 238...

— Ficamos os dois, por mais uns cinco minutos, nesse tal de 283, 262...

Neste meio tempo, umas três pessoas, curiosas, chegaram e, um pouco afastadas, olhavam para cima tentando saber o que estava acontecendo.

Quinze minutos depois, dez curiosos também olhavam para cima e, como tinham uma imaginação muito fértil, aos poucos foi surgindo uma história de que alguém iria se jogar da cobertura do prédio. Fizeram a maior confusão. Chamaram a polícia, os bombeiros e até a ambulância.

Tentei explicar o que acontecia, mas como tudo aconteceu muito rápido, quando eu vi, a polícia, a ambulância e os bombeiros já estavam lá, com uma rede de proteção para segurar a pessoa que, na imaginação dos curiosos, iria pular.

Eu não sabia o que fazer, estava tão confuso que tive uma idéia louca, mas que acabou funcionando:

Subi correndo no prédio e fui até a cobertura, olhei lá para baixo e todos estavam desesperados. Resolvi subir na mureta e fingir ser a pessoa que ia se jogar.

A polícia, desesperada, subiu no prédio também para tentar me convencer de não me jogar.

Para disfarçar, falei um monte de besteiras, até que a polícia chegou e, de susto, quase caí.

Foi aí que percebi que o que eu estava fazendo era realmente uma loucura. Resolvi acabar com isso logo e me “render” às negociações da polícia.

Voltei para a casa da minha mãe sem apartamento algum, mas com uma história para contar.

Caroline Nunes Magalhães
Juliana Ribeiro Venturieri
8ª série C

Procura-se congelamento artificial desesperadamente

Em minha cabeça aqueles seriam os dias mais felizes de minha vida, iria ver as minhas duas princesinhas. Fazia dois anos que não via minhas filhas, exatos dois anos que tinha me separado e saído do país.

Desci do avião esperando encontrar as minhas bonequinhas de laços na cabeça e roupas da Minnie, mas o que encontrei foram duas garotas crescidas e bem diferentes desde a última vez que as vi. Tiffany parecia ter saído de uma revista de moda. Usava uma calça tão apertada que por um instante cheguei a ter a impressão de que não estava respirando. Isso sem contar as suas sandálias que, em minha opinião, deveriam ser proibidas para menores de dezoito anos, pois podem servir como uma arma. Preferi não comentar, poderia gerar atritos. Beverly, minha “Bevizynha”, havia se tornado uma mulherzinha, porém doce e meiga como sempre. Estampava em seu rosto o mesmo sorriso que exibia desde seu nascimento há onze anos. Indo para o hotel, pedi para que meu motorista colocasse um CD de rock dos anos 60. Não gostei do comportamento de minhas filhas nesse momento, elas pediram para que ele tirasse o CD, pois elas só gostavam de músicas cujos cantores não eram bonitos. Achei o cúmulo, mas não discuti. De noite marquei de a gente fazer um programa, opinei por irmos ao museu ou ao teatro. Elas desprezaram a minha idéia e queriam ir ao shopping. Eu não gosto nem um pouco de ir ao shopping, mas fazer o quê, lá fui eu. Para elas parecia que eu não existia. Comentavam sobre cada homem bonito que passava por elas. Não gostava nada, nada. No outro dia, fui buscá-las para almoçar e lá tive uma grande decepção, minha pequena Tiffany estava aos beijos com um garoto. Não sei como tive calma para lidar com a situação. Sempre fui o único homem de sua vida e agora estava sendo literalmente sugada por um moleque que ainda cheirava a leite e tinha acabado de sair das fraldas. Que pouca vergonha.

Com tudo isso, cheguei a uma dolorosa, porém solucionável conclusão, o que os pais devem fazer para não sentir ciúmes e não se estressar com os atritos entre gerações é descobrir uma empresa que os congele durante a adolescência de seus filhos. E é isto que estou indo fazer. Alguém aí sabe o telefone de alguma?

Chélsa Marchi
Thamirys Lunardi
8ª série A

A crônica foi apresentada inicialmente como atividade de leitura semanal em sala. Posteriormente foi feito um trabalho de análise de algumas crônicas. Como fechamento, foi solicitada uma produção em dupla, seguida da revisão do texto por outra dupla, com sugestões para melhorar a produção, adequando-a à proposta.

Nara Caetano Rodrigues
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Dia 18 de abril 2003
Leitura da pág. 118 à pág. 163

Oi, Kurt! Estou agora no meu quarto ouvindo música. Além de ler, adoro ouvir música. Hoje eu li um bocado do livro.

Esta parte fala das dificuldades do preconceito com racistas, pois Léria fez amizade com uma negra. Sinceramente achei esta parte muito legal. Nestes três capítulos que eu li, ela teve muitas crises: teve crise de identidade, crise ao saber que podia morrer em dois meses. Ela voltou a ir ao doutor e descobriu que sua imunidade está baixíssima e que ela tinha contraído anemia.

Ela finalmente conseguiu um emprego (sem as custas do pai!!), mas logo pediu demissão. Por quê? Porque ela podia morrer em dois meses, como já disse, e isso tudo por conta da AIDS (lembrem: se ela usasse camisinha na primeira transa, nada disso teria acontecido).

Ela também fala muito do sonho de ver a neve.

Com os novos amigos, ela vai em festas e fala que os states não são aquele país livre e sim cheio de regras e preconceitos.

Agora um capítulo que eu não gostei, e não gostei nada, foi o “A teoria dos livros”. A linguagem infantil é meio chatinha de ler, sem contar a letra.

Depois de uma crise de não gostar do livro, hoje estou adorando. É isso.

Tchaux!!!

Armando Bergler Neto
8ª série C

27 de abril de 2003
Páginas de 229 a 275

Nesses últimos 3 dias, eu realmente me adiantei bastante. Estava tão apavorada que li mais de 100 páginas nesses dias! Pretendo terminar esse livro ainda hoje à noite. Tenho que ler o outro: “Não foi nada”.

É difícil escrever sobre tudo o que Anne escreveu: até porque foram 46 páginas. Ela fala um pouco sobre a comida no anexo, sobre a invasão e todo o medo e pavor que isso causou, sobre os “beijos” e abraços entre ela e seu amado Peter, sobre a carta que entregou ao seu pai e a conversa com ele e também sobre o arrependimento que isso lhe trouxe.

Ela fala muito sobre os seus sentimentos em relação a todos esses acontecimentos, como sempre. Porém, depois de saber que, após a guerra, iria se fazer uma coletânea de diários, ela se empolgou e pensou em escrever um livro sobre o anexo. Ela não pensava em publicar seu próprio diário.

Anne tem muitos planos para o pós-guerra. Ela expressou um desejo que há pouco tempo atrás eu também tinha: o de ser jornalista. Eu já desisti da idéia; não tenho talento!

Ela também fala muito de suas histórias e de Peter. Realmente, ela está amando.

Achei muito interessante quando Anne falou do Brasil. Na verdade, fiquei surpresa por ela estar estudando sobre nós.

Para terminar, vou copiar uma frase de Anne com a qual concordo plenamente:

“O que está feito não pode ser desfeito, mas pelo menos posso impedir que aconteça de novo”.

Uma grande verdade!

Camila Neves Petrópulos
8ª série B

No primeiro trimestre, foi indicada a leitura de obras autobiográficas; no caso, os textos dos alunos referem-se, respectivamente, ao “Diário de Anne Frank” e “Depois daquela viagem” (este de Valéria Piassa Polizzi). Os alunos poderiam optar por escrever um texto em sala no final da leitura ou fazer um DIÁRIO DE LEITURA, registrando e comentando o seu processo de leitura do livro.

Nara Caetano Rodrigues
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

O resumo do resumo

Bom, tudo começou quando o pai e a mãe iam para a missa se encontrar. Dali, sairia um grande amor, um casamento e muitos filhos. O “resto” eu não preciso contar, é claro.

Tiveram oito filhos e eu e a minha irmã (gêmeas), finalmente “viemos” no dia 11 de janeiro de 1989. Fomos as últimas.

Minha família é bem “legal”, claro que tenho alguns aborrecimentos, um pouco de desunião; e, além disso, àquela liberdade a mais que todo o jovem quer ter, do tipo sair e entrar em casa a hora que bem entender (o que eu não tenho), mas fora isso, tudo bem, porque afinal de contas, nem tudo é perfeito.

Fora isso, tenho um sobrinho (mais velho que eu, 15 anos), uma sobrinha (de 3 anos), três cunhados engraçados e divertidos. Opa! Quase esqueci que também tenho uma cunhada (ainda é noiva do meu único irmão). É... a família é grande, não tenho culpa de esquecer um aqui ou outro ali...

Ainda tenho uma grande amiga, que eu considero mais que uma irmã para mim, chamada Camila Maria. Claro, tenho também vários outros grandes amigos, dentro e fora da escola, mas nenhum que ocupe um “lugar tão grande no meu coração” quanto ela.

Faço aula de violão uma vez por semana, uma coisa que gosto muito. Gosto de ouvir muuuuuuuita Legião Urbana, Titãs, Renato Russo, muitas, muitas outras bandas.

“Curto” todo o tipo de música, desde MPB à tecno (tirando é claro, samba, pagode, axé e sertanejo, que odeio).

Estudo no Colégio de Aplicação, uma escola que gosto muito, pois além de ter professores legais (claro que tem também os chatos, mas em compensação dão uma boa aula), conheço várias pessoas legais e também gosto do “espaço” em que o colégio se encontra.

Gosto muito de ler, praticamente “devoro” os livros. No momento estou lendo “O diário de Anne Frank”, livro legal e o principal motivo pelo qual estou fazendo essa Autobiografia, trabalho de sala, da aula de português, e só não vou escrever mais porque só tem mais 15 minutos de aula, e eu ainda tenho que passar a limpo.

Bom, esse é o resumo do resumo da minha vida. É como uma rosa. Tem sua parte bonita, mas também tem os espinhos, e temos cuidado para não nos machucar, nem machucar ninguém com eles, mas se tudo for encarado com coragem e cabeça erguida, “dá pra levar”.

Renata Domingues
8ª série B

Documentos sobre mim

Bom, meu nome é Beatriz, eu tenho 14 anos de idade, eu moro com os meus pais e com o meu irmão, mas eu tenho outra irmã que não mora mais comigo, porque ela já está na faculdade.

Minha vida é bem normal. Eu converso bastante com a minha mãe, pena que muitos adolescentes não tenham o mesmo hábito. Meu irmão é meio chato às vezes, mas a gente conversa bastante.

Eu adoro ir pra praia, sair com os amigos e principalmente jogar vôlei com o pessoal do prédio onde eu moro.

Eu tenho 5 amigas que eu considero como irmãs, a Marina, a Renata, a Tayse, a Paula e a Naiana, isso talvez porque eu tenha crescido com elas praticamente.

Minha banda favorita é Red Hot Chili Peppers, pra mim não existe banda melhor, e é por causa dessa banda que eu estou aprendendo a tocar baixo.

Minha matéria favorita é História, um dia eu quero ser historiadora e escrever vários livros sobre civilizações antigas. Foi essa matéria que me incentivou a ler.

Na 4ª série, eu odiava ler, a professora passava vários livros, mas eu nunca gostei.

Já na 5ª eu comecei a ter História e essa matéria me encantava. Quando eu fui pra sexta série, comecei a me interessar por ler livros de História, e, nesse mesmo ano, meu irmão começou a fazer faculdade de História, e isso me ajudou bastante a encontrar vários livros sobre o assunto. Eu já li “Macunaíma” que fala da cultura indígena, “Esquecidos por Deus”, que conta vários mitos de monstros, porque que eles existem e etc... Já li Civilização Ocidental que tem quase 800 páginas, esse livro fala sobre várias civilizações, e eu estou lendo “A história da riqueza do homem”, que o primeiro capítulo, até onde eu já li, fala sobre o feudalismo.

Por enquanto eu só me interessar em ler sobre isso, mas teve um só livro que não fala sobre esse assunto, e que eu amei ler, li 3 vezes, o nome do livro é “Descanse em paz meu amor”.

Beatriz da Silva
8ª série C

No início do ano letivo, considerando que as turmas das 8ªs séries foram alteradas em relação à constituição das 7ªs séries do ano anterior, foram propostas algumas atividades de apresentação, aproximação dos alunos nas novas turmas: 1º) entrevista com um colega, preenchendo algumas questões de uma “orientação para produção biográfica”; 2º) apresentação do colega com base nas informações fornecidas na entrevista; 3º) elaboração de um texto, em primeira pessoa, fazendo uma apresentação pessoal: onde nasceu, coisas de que gosta e de que não gosta, qualidades e defeitos... Os textos acima foram produzidos nesse 3º momento.

Nara Caetano Rodrigues
Professora-orientadora/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Democracia Racial ou Preconceito? A realidade por trás da máscara do discurso ideológico

“São 115 anos sem grilhões, sem as marcas da chibata. Mas em pleno século XXI a sociedade brasileira empurra os negros e seus descendentes – ou seja, 46% da população – para uma realidade muito parecida com a das senzalas¹.” Mas esta se trata de uma senzala social, e o que prende os negros não são mais os grilhões – e sim somente a sua cor.

No Brasil colonial, os negros deveriam suportar, incansavelmente, o trabalho como escravos, para terem supostamente uma vida menos sofrível no céu. E hoje? Negros e índios devem suportar os preconceitos deixados pelo sistema colonial escravista para ter a sua “próxima vida”? Mais preconceito? Ou será criado mais um mito de paraísos eternos e amor abundante para iludi-los e encher-lhes o coração de esperanças que têm mínima probabilidade de tornar-se realidade?

A expressão “mais um mito” sugere a existência de no mínimo outro. O mais popular desses é o mito da democracia racial. Para esconder a responsabilidade de ter submetido os negros ao trabalho escravo durante trezentos anos, esse mito foi criado por um dos muitos discursos ideológicos, como se vivêssemos eternamente em um carnaval, onde negros e brancos são tratados com igualdade e respeito. E por incrível que pareça o país tomou a máscara da hipocrisia e usou-a por um longo tempo. Mas agora, mediante pesquisas, decisões de tribunais e dados do mercado de trabalho, do sistema educacional e da vida cotidiana é que está sendo confirmado que a propaganda democracia racial brasileira não passa de ficção. O último país a abolir a escravatura esforça-se para tratar bem os estrangeiros, mas é igualmente conhecido e habituado a exercer uma tirania implacável contra os negros nas relações internas. A grande particularidade do racismo brasileiro, porém, é isso que acaba não sendo em outros lugares, não é uma opressão à minoria, e sim a 46% da população. E não importa se uma estatística recente revela serem brancos o maior número de assaltantes, o fato é que se um branco passa sozinho na rua e vê três negros caminhando em sua direção, muda rapidamente de calçada. Mas o preconceito racial não se restringe apenas a pequenas coisas. Ele também é altamente propagado nas piadas racistas contadas às gargalhadas em uníssono pela sociedade brasileira. A verdade é que o Brasil desacorrentou o negro da sua condição de escravo, mas esqueceu-se de integrá-lo à sociedade. A senzala apenas aumentou de tamanho, e agora é capaz de abrigar também os pobres e homossexuais.

Poucas pessoas, principalmente das classes média e alta, admitem o preconceito e a discriminação racial contra negros. Para essas pessoas, donas do dinheiro, dos empregos, dos bancos escolares e da felicidade, o Brasil é um país democrático. Mas os negros sabem que vivem sob uma ditadura racial muito mal disfarçada. Para aqueles que não conseguem enxergar na nossa sociedade a desigualdade e a dimensão da questão racial, o Brasil e a África do Sul do Apartheid não são separados apenas por um enorme oceano, mas também por profundas diferenças sociais. Na terra de Nelson Mandela, os negros sofriam uma segregação racial, legalizada por leis abomináveis. Quando, em 1994, o regime chegou ao fim e Mandela chegou à presidência, o racismo, a discriminação e a intolerância ficaram bem mais evidentes nos países que supostamente

¹ Ana Carvalho e Aziz Filho. Isto é. 4 jul. 2001, p. 78.

já eram democráticos. Depois de anos, a máscara da hipocrisia finalmente começou a cair, e o Brasil é um dos mais constrangidos ao mostrar novamente sua verdadeira face.

A partir daí, as desculpas vão sendo forçadas, desde a de que os negros não têm alma, até a que eles não têm capacidade intelectual, passando pela que diz que cientificamente são inferiores. Mais uma vez o racismo tenta se justificar, e mais uma vez consegue um grande numero de adeptos. Até quando isso será assim é que é a questão. Afinal, todos sabem que o Brasil prefere o mito da democracia racial e fecha os olhos para a intolerância, por mais que ela esteja extremamente evidente. O problema é que as pessoas que têm grande influência no Brasil (a elite) não fazem nada para mudar a situação do negro, fingindo que ele não existe. A sociedade perpetua as piadas racistas e/ou preconceituosas, e a televisão faz nas pessoas uma lavagem cerebral tão eficiente que elas saem da sua frente crentes de que tudo está perfeito, que nada deve ser mudado, pois todos já têm o seu papel dentro da sociedade. E assim vamos seguindo, não dando o devido espaço àqueles que já sofreram demais. E estes, acostumados demais com sua situação, não podem fazer muito por si próprios. Ao dar de cara com a realidade, não mudamos nossa forma de proceder, como sociedade afundamos cada vez mais na ignorância e na insensibilidade, e como pessoas, não permitimos a nós mesmos usar nossos cérebros. Que fazer então? Como diria Renato Russo, “Não adianta consertar o resto; consertar a gente já ajuda pra caramba.” Seria um grande passo.

Camila Maria de Souza
8ª Série B

Constantemente, em todo lugar, nos deparamos com sérias rachaduras na parede que encobre o mito da democracia racial brasileira. O presente artigo procura discutir por que, mesmo 115 anos depois da abolição da escravatura no Brasil, essa parede permanece de pé.

Cleyton Machado
Professor-orientador/Ensino Fundamental
História
2003

Friends

Text Fragments

My friends have a very important meaning to me.

I have friends that always lived with me, they are my family; my father, mother, and sister.

There are those who are also part of my family; they are my cousins, uncles and grandparents. I cannot forget them.

I have friends that I've already known for more than eight years; we have studied together since the 1st grade of "Ensino Fundamental".

Some of them still studying in my classroom, others in different rooms, but in the same school or have already left.

And last but not least, I have friends that I met just yesterday, but it seems that we've known each other for a long time.

Naiana Hess Santos
8ª série A

Os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação desenvolveram um trabalho de produção textual chamado "journal", na disciplina Inglês durante o ano de 2003.

O "journal" é um diário dialogado no qual os alunos e o professor trocam correspondências sobre assuntos variados sem se preocupar com a lisura gramatical dos textos produzidos, pois o foco da atividade está no conteúdo. A produção de textos gramaticalmente coesos e coerentes dá-se ao longo do processo de troca de correspondência. O "journal", além de ser uma ferramenta pedagógica, propicia um envolvimento e comprometimento maior entre os alunos e o professor criando um terreno fértil para o ensino e aprendizagem.

Marimar da Silva
Professora-orientadora/ Ensino Fundamental
Língua Inglesa
2003

Serial Killer à solta

Um assassino está à solta em Florianópolis.

Foram encontradas três vítimas alguns dias atrás, todas loiras e com marcas de tortura num prédio do centro.

No dia três de agosto, foi encontrada uma mulher morta dentro de casa, amarrada na cama com marcas de tortura e o rosto desfigurado.

Após uma semana, foram encontradas mais duas vítimas do mesmo jeito que a primeira, dentro de casa e eram loiras.

O assassino sempre mata nas terças-feiras, à noite.

Dizem que ele está matando porque uma loira o humilhou na frente de várias pessoas.

“O meliante prometeu matá-la e está à procura dela” - é o que diz o detetive do centro.

As características do assassino são: 2 m de altura, pele branca, forte, olhos verdes e cabelos negros.

Tomem cuidado, meninas loiras!

Alysson Adilson Vargas
Projeto Vencendo Etapas
7ª/8ª séries

Acidente no Terminal Central

Ocorreu um acidente envolvendo duas vítimas com ferimentos leves no terminal central, no dia 27 de agosto de 2003, numa quarta-feira.

Adriana e Cleonice saem em direção ao terminal, olham o relógio e vêem que estão atrasadas, e sem olhar para a sinaleira atravessam a rua, e o ônibus, dirigido pelo motorista Jorge de 60 anos, atropelou as duas.

O motorista assustado diz: “Olhei para a sinaleira aberta, quando acelerei o ônibus, vi as duas passando, tentei frear, mas não pude evitar o acidente”.

Logo em seguida, a ambulância chegou e levou-as para o hospital.

Adriana disse: “Olhei para o relógio e depois atravessei, quando olhei para a sinaleira só me lembro de estar no hospital”.

Duani Candido Ribeiro
Projeto Vencendo Etapas
7ª/8ª séries

Violência sobe os morros de Florianópolis

No dia 22 de agosto de 2003, às 22 horas de sábado, ocorreu um assalto em um supermercado no Morro da Caixa, por dois homens.

Pessoas que estavam perto do supermercado, momentos antes de ocorrer o assalto, dizem que viram dois homens misteriosos que estavam próximos ao local, planejando algo.

Às 22 horas em ponto, os dois homens iniciaram o assalto, rendendo o caixa. Todos que estavam próximos saíram correndo do local.

Os dois saíram levando todo o dinheiro do caixa: aproximadamente 40 mil reais.

Os sujeitos ainda não foram achados pela polícia.

Ana Beatriz Fernandes
Projeto Vencendo Etapas
7ª/8ª séries

Esses textos nasceram de uma atividade voltada para a produção do gênero textual notícia, com alunos do Projeto Vencendo Etapas (7ª e 8ª séries).

Antes da produção propriamente dita, os alunos leram, discutiram os temas e analisaram a estrutura de notícias diversas, publicadas em jornal local (a ativação do novo terminal de transporte urbano de Florianópolis; o destino de uma menina que queria ser modelo; o polêmico personagem da nova novela – “Chocolate com Pimenta” etc). Após a escrita da primeira versão de suas notícias, eles passaram por um processo de análise lingüística, no qual foram trabalhados os aspectos gramaticais de maior dificuldade que se apresentaram em seus textos. Só depois dessas etapas, os alunos elaboraram a versão final de suas notícias e as socializaram para o grupo.

Heliete Schütz Millack
Professora-orientadora/ Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

DISCURSO DE FORMATURA² – ESCOLARIZAÇÃO

(Projeto Alfabetização e Liberdade: interação entre sujeitos educadores (as).
PRONERA³–INCRA/UFSC-CED/MST)

Boa-tarde!

Autoridades do INCRA e da UFSC aqui presentes.

Equipe de Coordenadores e Professores da UFSC e do MST.

Colegas Monitores de EJA e demais convidados.

Vou dizer **ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A NOSSA CAMINHADA EM BUSCA DE MAIS CONHECIMENTOS.**

Inicialmente, gostaríamos de destacar que foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que nos concedeu esta oportunidade para estarmos aqui hoje, relatando um pouco da nossa luta para combater o analfabetismo nos assentamentos e acampamentos do MST.

Sabemos da importância que tem o conhecimento escolar para que nossos companheiros e companheiras acampados e assentados possam atuar como cidadãos com plenas condições.

Há tempos, estamos lutando para diminuir o analfabetismo no campo e na cidade, mas, como o MST tinha poucos apoiadores, a luta se tornou difícil. Esperamos que, com a mudança de governo, nós consigamos alcançar este objetivo.

O PRONERA foi uma conquista do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com a parceria da Universidade Federal de Santa Catarina e o apoio financeiro do INCRA. Este projeto possibilitou a capacitação de mais de trinta monitores de EJA e a escolarização do grupo que está se formando no Ensino Fundamental hoje.

O primeiro encontro deste grupo foi em setembro de 2002, na beira da Clamba⁴, aqui em Florianópolis. Durante o período de escolarização, tivemos que enfrentar muitos desafios: deixar filhos pequenos, esposa, marido, enfim, ficar distante da família.

Também enfrentamos problemas de saúde com alguns companheiros do grupo tendo que interromper um dos encontros.

Mas o grande desafio mesmo foi voltar a estudar depois de muito tempo fora da escola. E com uma carga de atividades bastante elevada que envolvia manhã, tarde e noite, sendo que, depois de sair da sala, ainda havia as tarefas para os próximos dias.

² A Formatura se realizou no dia 06/06/03.

³ Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

⁴ Referência a um texto trabalhado na aula de Língua Portuguesa.

Mas, como a luta não pode parar, conseguimos manter a disciplina do grupo para que esses obstáculos não interferissem em nossos estudos.

Assim, seguimos em frente e aqui estamos para trabalhar no projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Nesse momento da nossa formatura, queremos agradecer ao INCRA, à Universidade Federal de Santa Catarina, aqui representada pelos Diretores do Centro de Educação e do Colégio de Aplicação.

Agradecemos também à Coordenação do PRONERA/UFSC e aos coordenadores Regionais de EJA do MST que trabalharam incansavelmente neste projeto, acreditando na nossa capacidade.

Para finalizar nossa fala, queremos agradecer em especial à equipe de professores e mais as bolsistas que foram companheiros em todos os momentos.

Enfim, agradecemos a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste nosso grande sonho.

Muito obrigada!
Oradora: Neiva Vieira

Na última etapa da Escolarização/PRONERA-UFSC/MST, para finalizar as atividades na disciplina de L.P., os escolarizandos solicitaram espaço para a elaboração coletiva do Discurso de Formatura (a certificação do Ensino Fundamental é dada pelo CA-CED/UFSC). O objetivo do texto, os interlocutores, a forma de veiculação e a condição de formandos dos autores fizeram com que houvesse toda uma preocupação com a caracterização do gênero “discurso”. Tal atividade evidenciou uma compreensão muito clara da importância da adequação da linguagem à situação de enunciação.

Nara Caetano Rodrigues
Jacine Miranda
Professoras-orientadoras/Ensino Fundamental
Língua Portuguesa
2003

Isto e aquilo

Escolhi para reler o livro “Ou Isto ou Aquilo” de Cecília Meireles. Um livro de poesias. Por ser um livro de poesias, foi um pouco mais difícil resgatar meus sentimentos e pensamentos sobre os versos.

Bom, mas antes de qualquer coisa falarei um pouco do livro. “Ou Isto ou Aquilo” foi lançado em 1990, pela editora Nova Fronteira. Eu o ganhei em 1996, quando estava na segunda série. Minha professora foi a Denise. Trabalhamos muito com poesia naquele ano e, vendo meu interesse, meu pai comprou este livro para mim, só não me lembro se foi de Natal ou aniversário.

Do pouco que lembro, acho que me interessei pela capa. A capa é linda, eu diria “muito fofinha”! Cheia de bichinhos como caracóis e gafanhotos.

Lembro-me claramente do que achei do primeiro poema, “Colar de Carolina”. Me empolguei com o título, porém não entendi nada do poema. Por exemplo, na frase “O calor de Carolina colore o colo de cal (...)”, fiquei confusa, afinal, para que cobrir um colinho com cal? Por que meu calor fazia isso?

Hoje já não me identifico com essa Carolina, branca, que fica corada ao correr por entre as colinas. Hoje sei que cal é a cor da menina, sua pele. E colo não é o da minha mãe! Me identifico muito mais com Laura e seu vestido todo cheio de babados, bordados e rendas.

Quando era pequena vivia rasgando vestidos, me sentia um bombom, ou um papel de bala. Vivia emperequetada, quando eu gostava mesmo era de vestir macacão.

Outra coisa que eu não gostava no livro era que muitas poesias não rimavam. E esse era o meu barato, rimar. Por mais boba que fosse a rima, como sapo e saco.

Hoje eu sei que a poesia pode ser apenas um jogo de palavras, como tempo, temporal, templo. Como Cecília faz em “O tempo e o temporal”. Ou senão uma forma mais bonita de escrever as coisas, como “Chora a espuma pela areia, na maré cheia”. Deu novas cores à maré cheia.

Essa é a graça da poesia, nada é óbvio, mas é tudo simples.

Não ignore o que ficou para trás.
Os verdadeiros sentidos estão por vir.
Distantes ou próximos
São dados pelo que passou.
O que passou dá sentido ao que se passa.
O que se passa terá sentido apenas depois.

Nem isto, Nem aquilo...

Com o tempo, parei de ler poesias pensando no óbvio, vi que o que está escrito não é isto, nem aquilo. É outra coisa.

Mesmo o livro sendo direcionado para crianças, preciso lê-lo com alguém, ou várias vezes para entender. Hoje eu acho que já entendi boa parte das poesias. Mas quem sabe não descobrirei outros significados mais tarde?

A dificuldade que sentia antes, ao ler Cecília Meireles, sinto hoje lendo Cruz e Souza. Estou lendo de pouquinho em pouquinho, só li dois poemas inteiros, mas sempre com o dicionário do lado, ou consultando meus pais. Provavelmente algumas coisas só irei entender depois. Algumas são possíveis de entender agora.

Com certeza a coisa mais difícil de se ler são poesias, porque além de irem além dos significados, o significado pode variar de pessoa para pessoa.

Mas enquanto há poesias difíceis, ou com vários significados não óbvios, têm umas bastante simples, como “A bailarina”, muito bonitinha, rima e é simples de entender e nem por isso é uma poesia boba, porque mesmo depois de tantos anos, continuo gostando muito dela.

Textos assim, por serem tão pessoais, sempre nos deixarão nos sentindo de forma diferente.

Não sei se quero isto ou aquilo.
Por vezes, quero os dois
Outras... Nenhum.
Às vezes quero voltar atrás.
Outras agradeço por não poder ter
ISTO
Mas então penso, terei que ficar
com AQUILO?

Carolina Souza Cruz
1ª série C

Em 2003, nos 1ºs anos do Ensino Médio, iniciamos o ano letivo com um trabalho em torno das memórias de leituras dos alunos. Das tantas leituras feitas e re-significadas, os alunos releeram uma das obras, lembrando quando o livro foi lido pela primeira vez e a circunstância em que foi lido, o que ficou dessa leitura e o que o livro trouxe de novo, na releitura. Os alunos foram orientados no sentido de pensarem essa experiência de forma crítica e reflexiva.

Ana Maria Sabino
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Voando entre páginas

“... Eu sei que o que ficou
não desapareceu,
a minha vida muda
sempre lentamente,
é como a lua que dá
voltas pelo céu e mexe
tanto no presente quanto ausente...”
(Cidade Negra.... “Eu Sei”)

Lembro... Lembro... Lembro...
...A Velha Infância Recente

Tantas lembranças, mas ao mesmo tempo tão poucas. Fui resgatando, lembrando até o que não lembrava! Claro, esse é o exercício da memória, procurando na minha infância pequenos retalhos que, ao costurá-los, formaram uma colcha, embora pequena, uma biblioteca mental, de vivências.

Minha primeira etapa escolar começa quando fui sorteada para entrar no Colégio de Aplicação. Tudo mudava, era uma nova fase para a infância, tudo muito novo, as pessoas, a professora, os amigos com os quais compartilho a amizade até hoje, e até mesmo o colégio, a biblioteca e tudo mais. A leitura, aprender a ler, despertava curiosidades, ainda era uma linguagem nova, recente.

Fui ao longo do meu primário desenvolvendo alguns gostos pela leitura, os professores tinham o grande papel de incentivar-nos.

Havia aulas de leitura, gostava de contos, fábulas e de mitos que me invadiam a imaginação e me traziam uma mensagem. Lembro quando a professora leu a fábula da cigarra e a formiga, e que tínhamos que montar um teatro. Foi importante porque mesmo fazendo o papel da árvore, que pode parecer não importante, foi legal, porque vi que cada personagem tem um papel fundamental na história.

Todas as sextas-feiras fazíamos o piquenique de livros e, em uma roda, sentávamos sobre almofadas no chão, e no centro ficavam os livros espalhados sobre uma toalha (eram livros que cada aluno comprava e doava para a escola). Antes de começarmos a escolher o livro que cada aluno tinha vontade de ler, a professora pedia para que alguns alunos relatassem sobre o livro que tinham lido.

Com certeza, era realmente um piquenique, não aquele que você compartilha lanches e comidas, mas aquele que você compartilha histórias. Os livros sobre a toalha representavam as comidas e cada aluno, pelo seu gosto, escolhia o que tivesse vontade de devorar.

Não me vem tudo à memória, mas recordo que lia alguns da Ruth Rocha. Na biblioteca a febre era a bruxa Onilda, e em casa (até hoje) lia gibi.

A minha imaginação, creio que (como das crianças em geral) era muito fértil. Criava personagens, imaginava as histórias que lia como se fossem um filme, que quando quisesse estava lá, na prateleira; o que havia marcado, ficava na mente, mas muito se perdia no tempo.

Passou mais um luar
De uma lua cheia

Quando passei para a quinta série, outra fase de minha vida ia se desenvolvendo. Já não gostava de ler tanto quanto na minha infância, aquela história: pré-adolescente e coisa e tal, queria saber de namoradinhos, o ginásio era algo novo, cresci! Os valores também ficaram diferentes, não dava mais valor à leitura, mas não deixava de ler, só que era menos freqüente.

Outro sistema de leitura foi implantado, a cada bimestre a disciplina de Português solicitava a leitura de um livro escolhido ou não pela professora.

Pra dizer a verdade, não os lia espontaneamente, mas ao ler acabava gostando, como o “Dom Quixote”, um livro que gostei porque me fazia imaginar, ficando, assim, entretida com o livro. Tenho gosto por livros que me fazem sonhar, sair da realidade, onde a imaginação é mais forte do que as palavras de um papel, um livro.

Foi assim com o livro “A odalisca e o elefante”. Na época tive dificuldade de dominar seu contexto, talvez porque o “amor” seja tão amplo que aceite várias opiniões e pensamentos diferentes. Até hoje tenho vontade de reler e entendê-lo melhor, tanto o amor, quanto o livro.

Foi um livro que me encantou pelo mundo do amor, da paixão, mas que me trazia outros significados, outros sentidos de interpretação. Lembro-me que, ao lê-lo, imaginava cenas de extremo encanto que as suas descrições me traziam.

Descobri também que não gosto de livros de suspense, que me dão uma certa “agonia” de não saber o final de uma história, são incertos, fica algo no ar. Por outro lado, podemos imaginar os finais, mas são tantas as possibilidades que você se confunde, porque tem que lembrar de toda história, de pequenos detalhes e fazer uma investigação para deduzir o final. Assim foi com o livro “O Bom Ladrão”, solicitado pela professora na oitava série.

Ainda na sétima série lemos o livro “Depois daquela viagem”, em que Valéria, uma adolescente com AIDS, conta sobre sua vida, o momento em que contraiu a doença, seu sofrimento e como aprendeu a viver com a doença. Foi um livro que me alertou sobre a AIDS, e que nos conscientizou pelo depoimento dela de como é difícil vencer essa batalha. Mas, por muitas vezes, o livro se tornava melancólico, não trazia uma “energia” boa para mim.

Também sobre sexualidade ganhei um livro do meu pai, “Questões de amor”, quando fiquei pela primeira vez menstruada; era um livro de educação sexual, que demonstrava, através de fotos e ilustrações, os vários processos por que todo adolescente passa (corpo, desenvolvimento...) e vive (amor, sexo...).

Gosto quando meu pai me dá livros de presente, porque, como ele convive comigo, sabe as fases que eu estou vivendo e, de acordo com elas, os livros retratam essas fases, e assim me orientam.

Passou rápido. Foram poucos livros, poucas leituras, para uma fase imensa, que sempre ficará na minha lembrança. Mais uma fase ia se passando, assim como o luar de uma lua cheia, que passa por períodos até completar o seu brilho obscuro, trazendo com ela a luz da vida; depois, os períodos, de novo, se repetindo com o passar do tempo. Na vida humana é assim, os períodos passam na seqüência de outros. . .

A Bagagem do Conhecimento

Ao terminar a oitava série, tive umas férias consideravelmente grandes. Foi o tempo de amadurecer algumas idéias, de conhecer pessoas, visitar lugares, no entanto, foi uma transição para a fase que acaba de começar.

Quando fiz aniversário, dia trinta e um de dezembro, ganhei um livro do meu pai, “Trilha de Campeão, pés no chão, cabeça nas estrelas”. O autor é o médico Dr. Lair Ribeiro, que fez o livro direcionado ao público jovem. Em resumo, é um livro que orienta e ajuda a resolver dificuldades de quem está começando um novo caminho e, por técnicas modernas do auto-conhecimento, nós, os leitores, vamos aprender a expandir a nossa inteligência, equilibrar emoções, desenvolver potenciais e habilidades.

Foi um livro que não poderia retratar melhor essa fase que estou vivendo. Até porque daqui a um “tempinho” vou ter que optar por uma carreira profissional (vestibular) e, nesse sentido, também foi muito importante ler o livro.

Como viajei bastante, sempre dava um jeitinho de levá-lo na minha bagagem, a bagagem do conhecimento, que estava lá por onde eu ia.

Foi uma leitura agradável, espontânea; mesmo querendo ler cada vez mais, pois me prendia a atenção, não tinha pressa de ler; o meu objetivo era acabá-lo antes de começar as aulas, era um livro pequeno (147 páginas), e queria que cada capítulo, cada página ficasse em cada dia das minhas férias, fazendo, portanto, um processo de reflexão mais lento.

Tenho vontade de lê-lo mais vezes porque é um livro que dá muitas dicas, e que é para ler como se estivéssemos estudando, memorizando o que é mais importante, e que, muitas vezes, esquece-se.

Meu objetivo concluí, consegui ler o livro até o final das férias; aliás, essa foi uma das orientações que li: lutar pelos seus objetivos. “Sem planejamento seu sonho nunca se transforma em meta.” (frase retirada do livro).

Ainda nas férias, fiz uma coisa que nunca pensei fazer. Fui juntando todos os livros de gavetas e armários da casa, e fiz uma pequena biblioteca no meu quarto. Alguns livros nem sabia que existiam, outros já havia lido, mas o fato é que eles estavam ali, perto de mim para a hora que quisesse abri-los e voar entre as suas páginas.

Achava também que não gostava de ler, mas sabe que, ao final de tudo, pelo que descrevi e vivi, cheguei à conclusão que gosto de ler! E que as leituras que fiz me proporcionaram muitas idéias novas, muitos momentos bons, ou ruins, mas que também foram importantes, amadurecimento e reflexões.

Passaram fases, pessoas, lugares, leituras... como tudo passa na vida. Mas ficou a vontade de viver essa nova fase intensamente, a última nesse colégio, mas o começo de outras...

“A VIDA TEM SEMPRE O DIREITO DE NOS SURPREENDER.”

“O FIM É SEMPRE UM NOVO COMEÇO.” (Dr. Lair Ribeiro)

Priscilla Becsi
1ª série C

As flores da sabedoria

Morreu? Não, fugiu para sempre!

“Toda noite, quando vou dormir, MORRO
E, na manhã seguinte, quando acordo, RENASÇO.”
(Mahatma Gandhi)

Quando eu era criança, minha mãe leu um livro chamado “Cachorro Samba”. Era uma história de um cachorro que fugia de casa. Na mesma época, ganhei o meu primeiro cachorro, o Colfape, que há pouco tempo morreu.

Todos os dias minha mãe lia um capítulo para mim. Quando chegava no outro dia, eu ia contar a história para o meu cachorro, como se estivesse lendo para ele. A minha esperança era que ele, “vendo” como a história era triste, nunca tentasse fugir de mim.

Depois de um tempo, comecei a achar que tudo aquilo era uma grande besteira. E até deixei ele meio de lado. Porém, quando ele morreu, fiquei muito triste. Mas imaginei que ele só havia fugido e, como no livro, encontrado algum dono melhor para ele.

12 anos sem paixão.

“Que não seja IMORTAL, posto que é chama. Mas que seja INFINITO enquanto dure.” (Vinícius de Moraes)

“Era uma vez” sempre lembra histórias românticas, mas há uma sem esse “era uma vez”. Foi no meu aniversário de 12 anos. Como todas as meninas, estava começando a “amar”, então ganhei um livro, “A odalisca e o elefante”. Aparentemente o título lembrava um livro infantil. Mas é uma história de amor impossível. Assim como todas as histórias de amor dessa idade.

Pelo fato de que aos 12 anos somos muito precoces, por qualquer motivo nos apaixonamos por alguém. Pelo menino que foi gentil, ou que lhe disse que você é bonita, por ser mais velho, mais bonito e mais popular que os meninos que se interessam por você.

Por isso, essa é uma das idades mais românticas. A idade das paixões não correspondidas e não duradouras.

Só faltava uma lição.

“O professor se liga à eternidade, ele nunca sabe onde cessa a sua influência.”

Depois de ter um cachorro e ficar romântica, faltava uma lição, então, nada melhor que uma grande lição. Então minha irmã me indicou “A última grande lição”, um livro que fala da boa convivência entre um eterno aluno (pois nunca se é ex-aluno, já que sempre se pode aprender mais), e um professor em fase terminal.

O livro me fez respeitar mais os professores, não só como um mestre que ensina os seus conhecimentos científicos, mas que ensina também a viver. Mas, será que é possível ensinar alguém a viver? Se não se tem uma orientação, não é possível nem ao menos viver a vida, quanto mais vivê-la bem vivida.

Depois desse livro não apenas escuto os professores, mas tento também entendê-los, conviver com eles e acima de tudo guardá-los com a melhor recordação possível.

Agora considero os professores como avôs, porém mais novos. Como velhos amigos, mas com respeito, por terem uma sabedoria gigantesca.

As Flores da Sabedoria.

Os livros são como pequenas sementes: por fora têm uma aparência questionável, mas, quando se abrem, são como sementes germinando, pois “explodem” vida, ou palavras. Palavras que são como belas flores.

Belas, mas não necessariamente frágeis ou brutas. Flores que em um jardim de sabedoria, encantam a humanidade. Algumas são raras e valem muito, chegam a mudar vidas.

Imagine um mundo sem flores, seria tão terrível quanto um livro sem palavras. Afinal, são elas que dão razão à vida.

Manoella Soares
1ª série D

No primeiro trimestre de 2003, nos 1ºs anos do Ensino Médio, ao trabalharmos com o relato como gênero textual, propus aos alunos que relatassem suas memórias de leituras. Pretendia-se, com esse trabalho rememorativo, que o aluno construísse significados para as suas leituras. O ponto de partida foram dois fragmentos extraídos do livro “Ex-libris: confissões de uma leitora comum”, de Anne Fadiman, Zahar Editor, 2002: “A biblioteca de cada um revela um bocado sobre o seu dono”, e “Os livros escrevem a história da nossa vida e, à medida que se acumulam nas estantes, tornam-se capítulos dela.”

Ana Maria Sabino
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Os mistérios da vida no outro lado

Quando recebi a indicação de leitura para este trimestre, não tinha a menor idéia de que livro iria ler. Resolvi usar uma das indicações oferecidas pela professora. Com ajuda do meu grupo, escolhi “Através do Espelho”, de Jostein Gaarder, não apenas pela história do livro, que me chamou a atenção, mas também pelo tamanho dele.

“Através do Espelho” é um livro colorido, com uma figura na capa e bem fininho.

Não acho que pensar no número de páginas seja falta de interesse pela leitura. Um bom livro, mesmo que tenha quinhentas páginas, parece ter cinco de tão fácil e prazeroso que é lê-lo. Mas um livro ruim, mesmo com apenas dez páginas, parece ter uma infinidade delas. Para mim, é realmente a qualidade da leitura que importa, e não o número de páginas. Mas não sabia o que esperar do livro. Eu poderia gostar ou não. Sendo assim, “Através do Espelho”, com 141 páginas, parecia a escolha mais adequada.

Eu não me arrependi dessa escolha. Desde a primeira página do livro, tinha certeza de que eu tinha feito a escolha certa.

O livro trata de temas que eu achei muito interessantes e curiosos, como a criação do mundo, a existência dos anjos e a vida dos seres humanos.

Cecília, personagem principal do livro, era ainda uma menina, porém muito forte. Doente, à beira da morte, ela recebeu a visita do anjo Ariel, que foi ajudá-la a desvendar os mistérios do céu. Em troca, o anjo pedia à Cecília explicações sobre a vida na terra.

As conversas entre os dois acontecem durante toda a história do livro. Cada vez mais fraca, a única alegria de Cecília passa a ser os passeios que ela faz com o anjo.

Durante essas conversas, Cecília descobre que os anjos vivem de forma invejável: conversam, brincam e passeiam eternamente pelo universo.

Sempre achei que os anjos fossem iguais aos seres humanos, porém imortais. Mas o autor do livro coloca os anjos de maneira oposta aos homens. Segundo o livro, os anjos não fazem idéia do que seja qualquer um dos nossos cinco sentidos. Os anjos não vêem, não diferenciam sabores, sons, e não sentem. Não sabem o que é frio, nem calor, nem raiva, nem alegria. De certa forma, de que adianta viver para todo o sempre, sem nunca ter a capacidade de sentir nada?

O anjo Ariel explica para Cecília por que Deus não é todo-poderoso. Ao contrário, é tão inexperiente quanto uma criança, que idealiza uma imagem perfeita, mas quando a desenha, percebe que ela é cheia de defeitos. Só que o desenho de Deus seria o mundo e teria vida própria. E isso é o mais extraordinário da criação, o fato de estarmos vivos.

Em alguns momentos, ler esse livro parecia ler um livro religioso. Em outros momentos este livro parecia um livro de filosofia.

A personagem Cecília me fez pensar muito em Sônia. Sônia era a personagem principal da peça de teatro que fizemos no ano passado, “A Valsa nº 6”, de Nelson Rodrigues. As personagens são muito parecidas e têm questionamentos similares. A única diferença entre as duas é que Cecília estava à beira da morte e Sônia já tinha morrido.

Quando li o livro, também me lembrei de mim mesma. De certa forma, me identifiquei com a personagem. Quando eu era criança, também me questionava sobre a criação do mundo e pensava se existia Deus e se existiam os anjos.

Durante a leitura, cheguei a pensar que o anjo Ariel na verdade não existia e que todas essas conversas não passavam de imaginação da personagem.

Mas, refletindo melhor, pensei na quantidade de coisas que o anjo disse para Cecília. Coisas tão inteligentes, profundas e reflexivas que não poderiam ter saído da cabeça de uma menina. É mais fácil acreditar na existência do anjo, do que acreditar que Cecília tenha tirado todas aquelas informações da sua cabeça de criança.

Para mim, uma das melhores partes do livro é quando Cecília e Ariel conversam sobre o que seria um anjo.

Ariel começou: “— Muitas pessoas acreditam que um anjo é um fantasma que fica voando por aí, entre o céu e a terra, sem um corpo de verdade (...) Pois é bem o contrário (...) vocês é que são fantasmas para nós, Cecília, e não o contrário. Vocês vão e vêm. São vocês que não duram. São vocês que aparecem de repente (...) Porém com a mesma rapidez vocês se vão. Parece que vocês são bolhas de sabão que Deus vai soprando.” A mesma conversa chega a um ponto muito interessante: “— Ninguém tem vida eterna, Cecília - Disse Ariel - nem mesmo os anjos do céu, pois os anjos não vivem. Por isso nós não sentimos nada, e também não crescemos e não ficamos adultos.”

No final do livro, consegui finalmente entender o título do livro. Na página 125, Cecília diz: “Nós enxergamos tudo num espelho, obscuramente. Às vezes conseguimos espiar através do espelho e ter uma visão de como são as coisas do outro lado. Se conseguíssemos polir mais esse espelho, veríamos muito mais coisas. Porém, não enxergaríamos mais a nós mesmos.”

E, no final da história, Cecília morre e descobre finalmente tudo sobre a vida no céu e na terra. Mas agora, ela não vê mais a própria imagem, pois, afinal de contas, ela não está viva.

Carolina Canto de Macedo
1ª série D

“Como um grão de areia de uma linda praia...”

Não há nada melhor do que ler um livro, mas confesso que tomar coragem para começar uma leitura é uma tarefa difícil. Foi assim nesta e em todas as outras vezes que tentei.

Apesar de eu gostar da capa e do resumo, que normalmente todos os livros trazem na contracapa, admito que a preguiça sempre vem, e com ela os velhos e costumeiros pensamentos: “Ah! Por que não deixar para a próxima semana? Ainda há tempo...”, porém, chega uma hora que não tem mais como adiar.

O final das férias chegou e então tive que dar início a minha leitura. A realidade é que eu até prefiro ler um livro em um ou dois dias, no máximo, pois assim parece que eu entro literalmente na história, sem contar que as idéias ainda estão fresquinhas nos meus pensamentos e, assim, posso fazer com mais facilidade o trabalho.

Desta vez o livro que escolhi (após muita procura) foi “Através do Espelho”, do mesmo autor de “O Mundo de Sofia”, Jostein Gaarder, com a tradução de Isa Mara Lando. A escolha demorou algumas semanas, pois o que eu queria era algo que realmente me desse prazer (mesmo porque, quando não gosto do livro, não consigo continuar a leitura), e por este motivo, não encontrava nada. Resolvi então seguir o conselho da professora e tentar me atrair pela capa de algum livro, porém, com esta estratégia não obtive sucesso. Já sem esperanças de encontrar algo que me interessasse, surge uma luz (hehehehehe), a Carol me dá a idéia de ler um livro do qual ela havia gostado muito. Como nossos gostos são muito parecidos, e eu, sabendo que ela é uma leitora assídua e que sabe identificar bons livros, resolvi acatar a sua idéia. Tal idéia de minha colega resultou numa das minhas melhores leituras.

Bem, com a escolha feita, só faltava a parte principal, o livro. Como conseguir? Onde pegar? Claro que pensei logo na Carol, afinal, a idéia tinha sido dela. Para meu azar ela não tinha como me emprestar. Sem saber como conseguir, saí perguntando para várias pessoas, e acabei conseguindo com a Maíra.

Um dos temas que o livro aborda e que me chamou muito a atenção foi de como seria o ponto de vista de um anjo, como seriam os seus pensamentos, suas dúvidas e profecias. Para uma melhor explicação do que quero dizer, vou citar uma parte do livro que fala sobre o anjo: “Cecília ergueu-se na cama e olhou em volta. Daí gelou. Havia uma figura sentada no peitoril da janela. Ali só cabia uma criança pequena, mas aquela ali não era Lars [...] Ele, ou ela usava uma túnica branca e estava descalço [...] Cecília não tinha certeza, porque ele, ou ela, não tinha nenhum fio de cabelo na cabeça. Decidiu que devia ser um menino, embora também pudesse ter resolvido o contrário” (Através do espelho, p.22). Essa é a primeira aparição do anjo Ariel para Cecília, depois dessa, tiveram muitas outras. A partir de então, Cecília tenta aos poucos entender como é ser um anjo. Porém, creio que ser um anjo é ser exatamente aquilo que nós queremos que ele seja. Por esse motivo, cada um é diferente do outro, cada pessoa tem o seu.

De acordo com o livro, ser um anjo é muito difícil, pois como Ariel mesmo disse, os anjos não possuem nenhum dos cinco sentidos, daí eu me pergunto: Como viver sem poder sentir o cheiro, o gosto das coisas, as diversas sensações que somente os cinco sentidos nos proporcionam? Então, o livro me responde: Ariel consegue substituir os cinco sentidos com o olho interior, ele consegue ver muito além do que nós conseguimos. Sobre isso, o livro coloca que: “Nós não compreendemos tudo [...] Nós compreendemos as coisas em parte. Enxergamos

tudo num espelho, num enigma...” (Através do espelho, p.116). Isto é uma verdade, pois nós, com toda a tecnologia e estudos, ainda não conseguimos, e nem iremos conseguir, provavelmente, desvendar o maior de todos os enigmas, que é a morte, pois este mistério pertence a Deus e não a nós.

Este livro acabou se tornando muito especial, pois além de trazer pensamentos que me fizessem refletir muito, contou a história de uma menina com câncer com a qual me identifiquei muito. Isto ocorreu, pois em minha vida já perdi muitas pessoas queridas por esta mesma doença para a qual, infelizmente, ninguém ainda encontrou a cura. O que há, é um tratamento dolorido e longo no qual as pessoas sofrem muito, tanto pela dor quanto pelo desgaste emocional. A fisionomia muda, emagrece de repente e muito, perdem as forças do corpo, seus cabelos caem e o tratamento somente retarda a morte. É uma doença muito triste, vai levando as pessoas aos poucos, tirando a vitalidade; o enfermo não sabe o que fazer, pois tem a certeza de que um dia terá que ir embora e, sem outra saída, resta somente a dor de ficar, sofrer, e o pior, ver os outros sofrerem. Também não sabemos o que fazer, a pessoa que tanto nós amamos sofrendo, e nós impossibilitados de fazer qualquer coisa. Temos então que nos conformar com o dia que não a veremos mais junto a nós. Até que este dia chega e elas acabam indo, então ficamos aqui esperando a nossa dor passar. É como se tirássemos grão por grão de areia de uma linda praia até que uma hora não houvesse mais areia; porém, como imaginar uma praia sem areia? É mais ou menos assim que nós ficamos, nos sentimos sem conseguir imaginar a vida sem aquela pessoa amada.

Este livro que li, de uma forma inesperada e sem querer, acabou entrando para a minha coleção de favoritos. Ele me enriqueceu e me fez refletir sobre o ser, a vida, e principalmente sobre como seria após a morte, que me convenceu não ser algo tão maravilhoso quanto a nossa passagem na Terra, não que ela não seja perfeita, porém não há nada melhor que viver e não “simplesmente” viver. VIVER de verdade, intensamente, dando valor para as pequenas coisas, sem medo de ser feliz.

Engraçado! É como Cecília no livro mais ou menos fala: “Será que é preciso ficar doente pra prestar atenção nessas coisas?”. Parece mesmo, não é? Nós só passamos a prestar atenção no vôo de uma gaivota, ou até mesmo no sol que amanheceu espalhando raios mais brilhantes e luminosos por tudo, quando ficamos doentes, quando estamos “à beira da morte”. Isto não é justo com nós mesmos e com a natureza. Deus levou sete dias e sete noites para preparar toda esta beleza que nos rodeia, para apenas nos deslumbrarmos com a mesma, e nós que temos a vida toda, não o fazemos. Longos anos de nossas vidas se vão, e nunca sequer paramos e nos sentamos num campo para apenas observar a maravilha que é a natureza. Tive sorte, pois antes de eu precisar ficar “à beira da morte”, a história me fez repensar os meus atos, e a primeira coisa que fiz após ler a última página que conta a morte da Cecília, foi sair dessa cidade, e ir para a frente de um imenso mar, sem nenhum propósito, apenas olhar. Lá, sem nenhum pensamento, estive livre e pude perceber como é boa esta sensação. Então dei graças a Deus por não precisar estar quase morrendo para sentir isso, ou até mesmo morrer e não sentir tal sensação. É como Cecília cita na história “Nascer é receber o mundo inteiro de presente.”

Um fragmento do texto que eu gostei muito foi este: “Quando o luar brilha na escuridão total, nem um único raio é desperdiçado [...] Mas a lua não tem luz própria [...] Ela é como um espelho que reflete a luz do sol [...], mas o sol também não tem luz própria. Ele é apenas um espelho que reflete a luz de Deus...” (Através do espelho, p. 106). Acredito que não seja nem necessário explicar o porquê desta minha escolha; a observação belíssima que eu não tive a felicidade de fazer, alguém fez por mim, e eu pude ler.

Apesar de o livro ter sido tão especial para mim, há um fragmento com o qual eu não concordo: “Às vezes Deus ergue as mãos em desespero e diz para si mesmo: ‘Eu sei que muitas coisas poderiam ser diferentes, mas o que foi feito, foi feito, e afinal de contas, eu não sou todo-poderoso!’” (Através do espelho, p. 49). Quando o autor fala assim ele erra, ou melhor, o ponto de vista dele não coincide com o meu, pois eu acredito que os erros que hoje o mundo tem, não são de Deus e sim do homem.

Uma música que eu gosto muito e que retrata bem a história deste livro é “Só por hoje” (A letra da música está na capa do trabalho), do Legião Urbana. A letra fala que nós temos que viver cada dia como se fosse o último, e tentar entender e aprender com o que passou e com o que virá. Era assim que Cecília vivia, um dia de cada vez, intensamente, e entendendo o que passou e o que estava vivendo, fazendo da sua doença uma esperança para continuar.

Amanda Maria Lentz
1ª série C

No segundo trimestre de 2003, o trabalho de leitura foi feito no sentido de incentivar a leitura de um mesmo livro por mais de um aluno, para que, por meio da discussão, se ampliasse a visão sobre o texto lido.

Nesse trabalho, pediu-se que os alunos comentassem a materialidade da obra, as razões da escolha do livro lido, os temas, que fizessem relações com outras obras, com a vida, que comentassem/destacassem idéias que lhes chamaram atenção.

O resultado foi interessante. Além de textos consistentes, leituras/olhares diferentes. Quando, num mesmo grupo, as leituras seguiam numa mesma direção, a fala – marca do individual – assinalava a diferença.

Ana Maria Sabino
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Já que não nasci livre por inteira, luto e conquisto minha liberdade em partes

A liberdade não é absoluta, talvez nunca chegue a ser. Uma liberdade total só será possível o dia em que a razão e o amor estejam completamente integrados, quando não for mais preciso a existência de regras para o convívio harmonioso entre homens, pois o respeito será natural entre todos.

Quando falo que a razão não pode estar separada do amor, dos sentimentos, é porque é isso que nos torna humanos de verdade. Falando do conceito determinismo, onde a realidade é conhecida e controlada apenas pela razão me vem à lembrança pessoas que têm o pensamento de que é bom que aconteçam guerras assim uma grande massa de pessoas vai morrendo e resolvemos o problema da superpopulação global. O que é extremamente racional e frio.

Em nossas vidas deparamos diariamente com situações que nos privam da liberdade. Podemos ter como exemplo o capitalismo, dizer que um sistema poderoso que transforma trabalhadores em alienados, que nos controla, que apenas “nos insere em sua rede de causas e efeitos, condições e conseqüências”. Essa afirmação é facilmente encaixada no conceito de Necessidade, mas é apenas um olhar sobre esse sistema, e um olhar muito pessimista. Há quem diga que o capitalismo é o fim, que é o limite da evolução humana e que nada podemos fazer a não ser esperar o fim. Trágico, não? E surge outro conceito: a Fatalidade, como se esse sistema fosse uma força maior que nós. É alegar que somos um rebanho jogado de um lado para o outro facilmente.

Mas não se pode acreditar nisso, é como acreditar em premonições, apocalipse, ou que o mundo vai acabar no ano 2000 ou algo do gênero. Não é de hoje que resistimos a esse sistema, seja com guerrilhas, greves, manifestações de todos os tipos; músicas, peças, livros, artes e até mesmo festas. O futuro não foi ainda, muito menos escrito por linhas tortas. E é isso que diz o conceito de Contingência, que a realidade é imprevisível e mutável, mas ele diz também que em decorrência disso não podemos tomar decisões racionais que definem a liberdade. Mas sabemos que podemos montar partidos, desmontar o Estado e baseados nessas decisões racionais, que visam no final o bem-estar e a harmonia social, mudar o destino e conquistar pelo menos um pouco de liberdade.

Com certeza uma das liberdades mais desejadas, e complicadas hoje, seria a liberdade de expressão, poder expor o que se pensa sem deixar que nada nos constranja. Poder se vestir do jeito que quiser sem que teus colegas te olhem atravessado, poder viver do seu jeito, do jeito que você deseja sem ter que justificar à sociedade. E é isso que Aristóteles, e mais além Sartre pensaram; o homem é livre quando não há constrangimentos dos condicionamentos exteriores. Eu acredito que não se sentir constrangido por forças exteriores significa não constranger, não gerar essa força exterior. Então se controla a vontade, a espontaneidade do pensamento, e junto com a razão não invadimos, nem agredimos, e muito menos ferimos os outros.

Já que podemos escolher em que mundo queremos viver, e não só escolher temos o privilégio de moldá-lo, temos a obrigação de não nos curvamos a este mundo em que vivemos hoje. Saber de tudo e apenas nos conformar, ficarmos calados sem agir é o mesmo do que nos comportarmos como ovelhas, alienados. Embora sejamos livres para fazer tal escolha, se optarmos pelo conformismo, seremos livres apenas na escolha. Quem escolher por mudar com certeza viverá muito mais livre. Já que não nasci livre, eu hei de conquistar a minha liberdade e quem sabe um dia meu ventre será livre.

Carolina Silva de Souza Cruz
1ª série C

Liberdade absoluta

Blade Runner é um filme que retrata para onde a nossa civilização está se encaminhando. Talvez o fim, que não é mais o futuro, mas sim o nosso presente. O planeta não terá mais seres humanos, a população será formada por apenas andróides, e se por acaso ainda existir alguns seres humanos serão os de baixa renda que virão na miséria. E a terra estará na total escuridão.

Roy é um andróide com a sina de viver apenas quatro anos se encaixando perfeitamente no conceito de fatalidade, tendo um destino sem poder ter suas próprias decisões. Mesmo sendo um andróide programado para não ter sentimentos, Roy de alguma forma, e não só Roy, mas também muitos outros andróides, sem explicação passaram a ter o prazer de emoções.

Desta forma, não quis aceitar as condições que lhe eram impostas, queria simplesmente ter o direito de não ter um destino pré-determinado. Inconformado por receber leis e não poder contestá-las, Roy é um claro exemplo de alguém avesso às idéias do determinismo. Assim o andróide resolve mudar seu destino, ser livre, lutar pela liberdade, ter o direito ao menos de estender a sua vida para além dos quatro anos aos quais ele estava condenado. Entretanto, seu esforço não obteve a recompensa esperada, o seu tempo havia chegado ao fim. Porém ainda tendo conseguido transpor as barreiras e se tivesse obtido sucesso em suas aspirações, seria possível ser livre tendo em vista a sociedade da qual Roy fazia parte?

De acordo com a definição aristotélica-sartreana liberdade está relacionada com as nossas escolhas sem a intervenção dos condicionamentos externos, ou seja, sem as influências do meio em que vivemos. No caso do andróide Roy, ele estava sempre em busca da sua liberdade sem se importar com que lhe era imposto, conseguindo assim se encaixar nessa definição, até o momento em que seu tempo chega ao fim. Mas, se Roy tivesse vivido mais, provavelmente não seria mais livre, pois o estado em que o planeta Terra se encontrava era decadente, os seres humanos que ainda restavam viviam lá não por ser de sua vontade, mas por não ter escolha, por estarem subordinados a uma sociedade desigual, onde os dominantes com mais poder foram viver em outros planetas longe daqueles que estão condenados, por não terem condições financeiras suficientes, a viver de modo miserável em um planeta quase destruído.

Nestas condições, Roy apenas seria mais um deles, dependente dos condicionamentos externos, perdendo novamente, ou melhor nunca conquistando a liberdade absoluta.

Amanda Maria Lentz
1ª série C

Estes trabalhos são a avaliação de fechamento da Unidade II. O conteúdo trabalho foi o conceito de liberdade, definido dentro dos limites próprios da problemática filosófica. Para isso, trabalhamos com textos do livro *Filosofia* de M. Chauí e a projeção dos filmes: *Tempos modernos* de Chaplin e *Blade Runner* de R. Scott. As estratégias para a construção do conceito foram a análise teórica deste e reconhecimento dele e seus desdobramentos em situações concretas. Estas estratégias didáticas foram possíveis só pela oportunidade do trabalho conjunto com os professores Danuza Meneghello (Geografia), Sandra Mendonça (Geografia) e Rodolfo Pantel (História) para recuperação de aulas, realizada após a greve contra a PEC 40 (2003).

Leandro Cisneros
Professor-orientador/Ensino Médio
Filosofia
2003

Roteiro

1º ato

(Saída de uma boate, Antônio e Cláudio andando pela rua, param no ponto de táxi enquanto esperam).

Antônio (com sorriso de orelha a orelha) – Cara, aquela garota com quem eu troquei umas idéias essa noite, é o bicho, tá ligado?

Cláudio (muito atento) – Mas a minha mina, também era boa. Tinha autos corpo, valia realmente um tesouro.

Antônio (indignado) – Tesouro, não é nada. A minha tinha autos papo, o corpo de ninfa, ela sim realmente valia tudo.

Cláudio (cheio de si) – A minha não tinha um bom papo, mas o que me interessa nela é realmente o seu corpo.

Antônio (apaixonadamente, com os olhos brilhando) – Para eu me apaixonar não precisou de uma palavra. “Mal vi seu rosto perfeito/ Dei logo um suspiro, e ele/ Conheceu haver-me feito/ Estrago no coração”.

Cláudio (irônico, sorrindo) – Ah! Tais inspirado hoje!?

Cláudio (olhando para a avenida) – Olha! Lá vem o nosso táxi.

Antônio – Vamos nessa!

2º ato

(Ao entardecer no centro da cidade, Maria e Eliane estão fazendo compras e batendo um papo).

Maria (alegremente) – Ah! Eliane, ele é humilde, sincero, carinhoso, ele é perfeito.

Eliane (atenta) – Ah! O garoto que eu conheci tinha cara que faz tudo o que eu quiser.

Antônio (cheio de si) – Oi! Minha querida! Como você está?

Maria (com os olhos brilhando) – Oi! Tudo bem, o que você faz por aqui?

Antônio (muito orgulhoso) – Ah! Eu vim trocar meu celular! E já que te encontrei, te pego pra dar uma voltinha na minha Mercedes, para nós irmos ao Iate Casa Blanca jantarmos.

Eliane (ousadamente) – Mas não vai dar! Temos que ir.

(Eliane puxa Maria e seguem em outra direção, sem ao menos despedir-se).

Maria (decepcionada) – “Quanta falsidade de Antônio me tornou num breve dia, quanto a razão não pôde em longa idade”.

3º ato

(Em outra oportunidade, Antônio e Maria se encontram novamente).

Antônio (apaixonadamente) – “Ah! Socorre, Amor, socorre.”

Maria (aborrecida) – Agora, já é tarde, o meu amor por você se acabou.

(Maria o abandona, deixando-o sozinho).

Lara Oliveira de Lima
Amanda Besen
Maurício de Paula Bueno
Patrícia Miranda Soares
Rafael Rodrigues
2ª série B

Texto teatral produzido e encenado pelos alunos ao final de um trabalho sobre Arcadismo. Durante o processo, os alunos estudaram o contexto histórico-social daquela escola literária; assistiram ao filme *Caramuru* – adaptação do poema épico de Santa Rita Durão –; analisaram líras da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás A. Gonzaga; exploraram os aspectos estruturais de um ato da peça *Viúva, porém, honesta* de Nelson Rodrigues, entre outras atividades.

Heliete Millack Schütz
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Segunda-feira

Despertador. Cama, chinelo. Vaso, descarga, pia. Escova e creme dental. Água. Chuveiro, toalha e calcinha. Armário. Blusa, calça. Espelho, creme, escova. Meia e tênis. Batom, anel, brinco, relógio. Mesa, toalha, cadeira, xícara. Carteira, passe, mochila e fichário. Porta. Pressa. Chuva, chão, tombo. Portão. Ônibus, celular. Dor e lágrimas. Ônibus. Carteira, cadeira, mochila e fichário. Caneta, lápis, borracha e papel. Quadro-negro e giz. Livros. Sono. Papel e caneta. Sino. Vaso, descarga, pia. Sino. Carteira, cadeira, papel e caneta. Quadro-negro e giz. Sino. Ônibus e passe. Ônibus. Fome. Campanha. Chaveiro, porta. Panela, prato, copo, talheres. Mesa, toalha, copo, prato, talheres, cadeira. Pia, escova, creme dental. Sofá e televisão. Diversão. Bola, rede, quadra e celular. Porta, armário. Blusa, camiseta. Blusa. Saia, calça. Livros, canetas, lápis, borracha, papel e mesa. Sofá e aparelho de som. Cd, rádio, fita. Copo de leite. Mesa, pratos, copos e talheres. União, alegria. Noite. Chuveiro. Sustos, barata, chinelo. Medo e nojo. Toalha, calcinha, pijama. Cama, cobertor e travesseiro. Sonho. Príncipe, música, paixão. Beijo. Sapo! Despertador...

Ana Carolina Cunha
2ª série B

Texto produzido durante o estudo dos substantivos. Primeiro os alunos leram e discutiram o texto de Ricardo Ramos, *Circuito Fechado*, que é todo estruturado por substantivos e revela a rotina de um fumante. Em seguida, formularam um conceito da classe de palavras substantivos e os identificaram em pequenos trechos de diversos textos. Por fim, elaboraram suas próprias rotinas, empregando, em seus textos, somente substantivos.

Heliete Millack Schütz
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

O Alarve

Um homem cabismeditado estava penteando sua celha quando João, o alarve, veio e arrancou-a. Doeu.

Bruno da Silva, Hugo de Agapito e Marco Curi
3ª série C

Segredos

A lua brilhava intensamente na escuridão da noite e dentro de mim um sentimento inicialmente inóxio não me dava indúcias, era tão intenso quanto o brilho da lua. Eu, cabismeditado, tentei desvendar, em vão, os ínvios do meu coração.

Rodrigo de Aguiar
3ª série A

O celhão

Nunca vi celhas tão grandes. Devido a esta anormalidade, era considerado um famigerado em sua aldeia. O povo não dava indúcias: vivia fazendo graça de sua característica. Mas ele não se preocupava. Para o rapaz, eram todos comentários inóxios.

Artur Quirino, Enzo de Cordova,
Mário Kobus Junior e Phillipi Chodren
3ª série C

Leãozinho

Viu-se ínvio. Estava caminhando pela floresta. Era famigerado. Sentou-se cabismeditado e pediu indúcias.

Indúcias de quê?
Nem ele sabia.

Adson Zanuzo, Jade Bueno, Laura Rodrigues
3ª série C

Esta atividade é resultado da motivação que antecedeu a leitura do texto “Famigerado” de Guimarães Rosa. Os alunos trabalharam, a princípio, com algumas palavras pouco conhecidas e, em seguida, em pequenos grupos, produziram uma narrativa curta – mini-contos – em alguns casos, limitada ao tempo de até 15 minutos. Deveriam, para isso, escolher dentre oito palavras previamente dadas e discutidas, ao menos três para inserir no trabalho.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Medos da vida

Medo de vir ao mundo! Medo do escuro. Medo de ir pra escola. Medo de cachorro. Medo de fantasma. Medo de monstro. Medo de palhaço. Medo do bicho-papão. Medo de fazer xixi nas calças. Medo da professora. Medo de atravessar a rua. Medo de andar de bicicleta. Medo de estranhos. Medo de que a "cuca venha pegar". Medo de se perder. Medo do mar. Medo do primeiro beijo. Medo de menstruar. Medo de ladrão. Medo de ser feia. Medo das espinhas e cravos. Medo das provas. Medo do boletim. Medo das broncas dos pais. Medo de avião. Medo da recuperação de estudos. Medo de montanha-russa. Medo de cair do salto. Medo do terror. Medo da guerra. Medo da corrupção. Medo das drogas. Medo da violência. Medo da polícia. Medo da miséria. Medo da impunidade. Medo da solidão. Medo do fim do mundo. Medo da AIDS. Medo de engravidar. Medo da vida. Medo do vestibular. Medo do futuro. Medo da faculdade. Medo do primeiro trabalho. Medo do chefe. Medo do casamento. Medo da infelicidade. Medo da humilhação. Medo da desigualdade social. Medo do governo. Medo dos traficantes. Medo de ser assaltado. Medo da hora do parto. Medo do seqüestro. Medo de perder o filho. Medo de perder o emprego. Medo de dirigir. Medo de adoecer. Medo de envelhecer. Medo da dependência. Medo de morrer!

Medo do medo do medo do medo do medo...

Marina Sartori
3ª série A

Confissão de um temor

12:30

Querido diário, não sei como mais chamá-lo. Se me és querido deve ser porque em ti deixo fluir a torrente de sentimentos que ardem no meu peito, amenizando, pelo menos infimamente, a existência dentro de uma tempestade constante de medo.

14:50

Essa casa parece cada vez mais estranha. Ora encolhe ao ponto de me sufocar, ora é um vasto e silencioso labirinto, com seus vazios de ar onde me encontro sozinho. Os móveis olham para mim, com mãos e pés, estéreis e mortos, antecipando a chegada dela.

16:25

Sinto um calafrio, um gelo infinito me cerca, apertando o meu peito, esmagando minhas têmperas. As lágrimas não vêm mais com cerimônia. A carcaça oca do destino zomba de mim, enquanto acaricio o inseto que cresce. Logo ela chegará.

18:30

O que hei de fazer nesses momentos de desespero? Não posso garantir minha segurança e o medo se tornou um estado de espírito. Só ele respiro, só conheço a ele, só ele vejo. Nada mais sou do que um escravo. Sei que ela se aproxima.

00:20

Chegou a hora. Minhas mãos tremem. Posso sentir seu bafo em meu pescoço, ela chegará. Um vulto. Não! Não quero a morte! Não quero a morte! Não morrerei!
Não morrerei!

06:30

Me seguram novamente, três. Como de usual me amarram na minha cama e injetam a morte em minhas veias. Assim morro, um sono profundo, e, inexplicavelmente, acordo calmo, olhando para as luzes do teto no dia seguinte.

2 de outubro, 2002

Hospital Psiquiátrico Freitas de Mello

João Pedro Spinelli
3ª série A

Manifesto de alguém que tem medo

Eu tenho medo. Medo que chegue o dia em que teremos de usar máscaras de gás para sair na rua, pois o ar se tornou cinza demais para respirar; medo do dia em que os pandas, os tigres e os lobos-guará estarão extintos, pois as florestas foram derrubadas; medo do dia em que terei medo de beber água, pois ela poderá estar contaminada por uma legião de coliformes fecais que algum porco resolveu largar por aí ao invés de tratar. Enfim, tenho medo de que o mundo, que já foi muito mais verde, se torne cinza de vez, enquanto meia dúzia de pessoas deixa os seus bolsos mais coloridos.

O ser humano está matando o planeta, em nome do lucro e da “lei do menor esforço”, como diria um conhecido meu. É mais fácil, para alguém que mora na beira da praia, largar o seu esgoto no mar; e é mais fácil também, para o governo, deixar que esta pessoa faça isso, ao invés de implantar um sistema de tratamento. Mas não será fácil para o peixe que ali vive, continuar respirando, pois a água estará podre. E ele irá embora. E então não será fácil para aquele pescador artesanal, que vive na praia, continuar tirando o seu sustento da pesca, pois não se pode pescar nada na beira de uma praia morta.

Em nome do lucro, um dono de madeireira burla a lei mal-aplicada e desmata grandes extensões da Floresta Amazônica. Em nome de obter menos despesas, indústrias largam o seu lixo tóxico em rios. Em nome de proteger a sua economia de “1º mundo” os Estados Unidos da América decidem que não vão diminuir a emissão de gases tóxicos para a atmosfera.

Então o ser humano só pode ter tendências suicidas: pois se o nosso planeta morre, nós morremos junto, a não ser que se descubra uma maneira de viver em Marte. Ou o homem cria vergonha na cara, e passa a se preocupar com o planeta e toda a vida que a natureza criou, ou se prepara para a própria extinção.

E, para esta extinção, não haverá nenhum ecologista de plantão, nenhum cientista, reproduzindo seres humanos em laboratório ou cativeiro, como já se faz com os pandas, os tigres e os lobos-guará. Ou o homem cria consciência de que precisa da natureza para sobreviver, ou se prepara para o dia que terá de sentir muito medo: o dia em que o planeta irá morrer.

Laura Martins Rodrigues
3ª série C

Esses três textos foram produzidos em resposta à atividade de redação, para serem avaliados segundo os critérios usados no vestibular. Além da nota, o objetivo do trabalho era proporcionar a possibilidade de o aluno refletir sobre um tema conhecido – no caso: o medo – expressando-se com o máximo de liberdade. Os melhores resultados foram daqueles alunos que abordaram o tema subjetivamente. Em vista disso, ofereci a oportunidade dos demais reescreverem seus textos a partir de novos critérios: texto em primeira pessoa, como uma página de diário, uma carta pessoal ou mesmo uma “confissão”. Percebeu-se sensível melhoria na exploração do tema tanto em termos de linguagem quanto em termos de gênero; como evidenciam os dois próximos textos.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

Florianópolis, 05 de setembro de 2003.

Oi Marcinha,

Como você está? Recebi a carta que você me enviou, e fiquei muito feliz por você estar bem. Aqui está tudo mais ou menos, não está sobrando tempo para nada, estou estudando bastante. Mas estamos muito bem, a Rê que tem reclamado um pouco do clima, está um pouquinho frio. Ultimamente tenho estado muito sensível, acho que é TPM. Preciso desabafar. Não agüento mais ficar guardando isso para mim, acaba sendo pior. Estou com medo!..

Aqui é tudo muito diferente, as pessoas são diferentes, não sei como conversar com elas. Tenho medo de elas não gostem de mim, de estragar tudo. Estou com tanto medo de não corresponder às minhas próprias expectativas, de que todo esse tempo no qual estou me dedicando para o meu futuro não valha à pena. Prestar vestibular este ano... é...., acho que fiz a escolha certa, estou me dedicando muito para passar, tenho que conseguir, vou conseguir. E reza por mim, não esquece.

Não, acho que não tenho medo de não passar, tenho medo é de não confiar em mim. O que me falta é auto-estima. Meu mundo está desmoronando, estou no meio de um conflito, parece a Segunda Guerra Mundial (a mais cruel e sangrenta). Tantos medos, tantos pesadelos.

Meu maior medo não é não passar no vestibular, como já disse, e sim me tornar mais um cidadão de papel, mais um “alienado”. Observo nas ruas o movimento das massas, e vejo como é insignificante, de que adianta ser a parcela da população mais numerosa e estar em todos os lugares? O povo não se organiza e acaba se tornando apenas blocos de “RGs”. Quero estar ciente de meus deveres, pensar no futuro do país, fazer a minha parte, quero que não penses que estou ficando louca ou muito idealista, pois querer é poder. É, eu sei, sou uma sonhadora, mas o bom é que sonho sempre em um futuro melhor para o país. No fundo, no fundo tenho medo de sentir medo, de me sentir fraca em certas situações, de não conseguir controlar o medo.

Marcinha, você deve estar se perguntando se eu, entre tantos medos, não tenho medo da morte? Bom, da morte acho que todos nós temos, temos medo do desconhecido, temos medo de perder alguém de quem gostamos muito. A única vez em que eu perdi alguém que eu amava muito, pensei que não ia agüentar, que eu ia morrer junto, eu tinha 13 anos quando meu avô faleceu, acho que já superei a perda, ou quem sabe deixei de pensar tanto nela, agora me preocupo apenas em respigar os bons momentos, o que é muito bom e um pouco triste.

Bom, não vou me estender muito nesta carta, senão você vai se cansar de mim. Só tenho que te confessar uma coisa. Você se lembra quando éramos menores e me perguntou se eu tinha medo de alguma coisa? Pois é, enquanto estive escrevendo essa carta me lembrei, e quero te dizer que menti. Tinha medo de muitas coisas, até de assumir que estava com medo, hoje vejo como o medo esteve presente em minha vida. E com isso assumo que tenho medo, e ainda não superei o medo de injeção. Vou ficando por aqui, e espero respostas suas. Milhões de beijos de sua amiga.

Amanda (nome fictício) – 3ª série A
Akemi Arenas Kami
3ª série B

Fragmentos de um diário temeroso

18/09/90

OI AMIGUINHO
HOJE CHOREI FIQUEI COM MEDO
A MÃE LEVOU EU NO MÉDICO
TOMEI MUITAS VACINAS
DOEU
PORQUE ELA FEZ ISSO
NÃO VOU ESQUECER.

23/04/97

Putz! Não acredito que aconteceu comigo uma coisa dessas. Tomei um tombo de bike quando tava descendo o morro da minha rua.

Bati no muro, quebrei dois dentes e levei três pontos no queixo. Fiquei com medo que acontecesse algo pior.

Agora to traumatizado e vô deixar minha bike de canto pra sempre.

10/12/2000

É hoje! Tô nervoso com a minha formatura de oitava. Passam várias coisas na minha cabeça; como o tempo é rápido e a gente nem vê.

Daqui 3 anos tenho um vestibular, às vezes fico com medo de não superar as expectativas de todos e deparar com um futuro frustrado. A vida é ingrata!!

Sei que há muito não venho lhe contar das minhas atividades cotidianas, das minhas opiniões e dos meus problemas, mas hoje eu preciso explodir sobre os meus sentimentos.

Tenho medo de revelar minhas idéias para as pessoas, pois não sei o que elas vão pensar de mim e por isso a minha confiança é toda sua.

Andei pensando muito ultimamente e percebi que o amor e o medo andam juntos lado a lado e tenho motivos para fazer tal afirmação.

Toda mãe tem medo de perder o filho ou que ele entre na marginalidade, isso tudo porque o ama. Agora, o melhor exemplo dessa situação está ocorrendo com quem vos fala.

Pois é, acredite se quiser, depois de tantas aventuras com as gatinhas das quais lhe falei, estou amando e sei o que é esse medo.

Descobri porque não me envolvia seriamente com nenhuma guria, tinha medo de me apaixonar. Agora, mano velho, tenho medo de magoá-la e principalmente de perdê-la.

Mesmo assim, é esse medo que me ajuda a crescer no relacionamento, pois vou superá-lo fazendo todo dia um agrado para a “dona do meu coração” e desta forma ter a certeza de que o nosso amor será sempre recíproco.

O que você achou?

Bom! Para mim, o seu silêncio já basta.

Atraso na vida

Eu, eu mesma
Às vezes faço as coisas tão rápido
Que pareço uma lesma.

Paula Vieira
3ª série C

Sem título

Não disponho de grande beleza
Mas diz que não se põe a mesa
Afinal o que importa minha boca ou meu nariz?
Perto da minha vontade de ser feliz?

Meu pequeno coração
Deseja ardentemente uma grande paixão
E acaba sempre...
...se metendo em confusão

Sobre duas rodas é onde sempre sonho estar,
Em cima de minha moto a noite inteira voar
É onde meu coração
Põe-se livremente a cantar.

Fernanda da Costa Pereira
3ª série C

Entre as atividades de leitura e produção textual, destaca-se uma que teve como texto motivador o livro de poesias *Os melhores poemas* de Mário Quintana. Após uma série de atividades de leitura e expressão oral sobre compreensão e interpretação de muitos dos poemas do livro, os alunos foram instigados a produzir parodicamente um texto poético individual a partir do poema *O auto-retrato*, de Mário Quintana.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

We are brazilians

Somos contra as cores vermelho, azul e branco unidas. Somos contra todo e qualquer tipo de violência usada e contra toda inteligência mal-aplicada. Contra todos os impérios e todas as doutrinas imperialistas que aprofundam o abismo das diferenças que existem entre nós. Contra os Estados Unidos que desunem o resto do planeta.

Não suportamos aqueles que jogam fumaça no ar e sujaram as águas, principalmente quando são os alunos que respiram e bebem os mesmos. O tempo derrubou os reinos, porém hoje ainda nos aparecem “reis”, coroados por não sei quais mãos, representando não sei qual Deus, sentado não sei em qual trono, dominando não sei qual reino e se dizendo a favor de não sei qual paz.

Somos eternamente contra tudo o que não é de todos, a guerra que pertence a poucos e que envolve muitos. Somos incessantemente contra aqueles que matam e morrem por dinheiro, e que um dia, talvez após a última árvore cortada e o último rio poluído, hão de saber que dinheiro não se come.

Marcos Pontes de Oliveira
Filipe Piovesan
3ª série B

Manifecal

Curve-se perante as fezes. Alimente-se da arte pelo reto. Bloqueie as vias nasais, você fede, essa arte fede. A arte deve ser o alimento e não os dejetos. Seus olhos brilham com a televisão, seus ouvidos regozijam com o rádio. O que você vê e ouve sai pelo ânus da indústria cultural. Você é só mais um bebê de proveta. Livre-se do fedor, lave-se.

Comece quebrando sua televisão. Esqueça esse mundo sujo. Faça a arte sem pretensões, para si mesmo, com proteínas, carboidratos e glicídios; alimento. Alimente-se da arte. Você está em deteriorização, aceite este fato. Liberte-se, você é uma ferramenta, construa algo que se preze. A arte é seu feto, não cause um aborto prematuro.

Faça arte, não a defeque. Ano III do novo ciclo de diarreia mental.

João Pedro Spinelli
Mateus Lichtblau
3ª série A

Quebra, quebra do Relógio

É preciso controlar o tempo e não o tempo nos controlar.

O objetivo é acabar com o estresse, causado pela sociedade que vive em função do tempo. Somos a favor da “preguiça”, da paz, da tranquilidade, de gastar o nosso tempo da forma que quisermos e não correr atrás dele.

Queremos mais tempo livre para todos, para assim criar, aproveitar e viver de forma “normal”.
“Viva o capitão Gancho, destruidor de todos os relógios (opressores da humanidade).”

Tito Fraga
André Gomes
3ª série B

Manifesto contra o tempo e pelo tempo

Queremos decretar o fim da prisão numérica dos seres humanos. O fim da prisão do relógio. Não desejamos mais ser controlados por um minúsculo aparelhinho que já tem tanta vida e poder.

Reivindicamos mais tempo. Mas esse não pode ser qualquer tempo, tem que ser tempo de qualidade; daquele que passa divagar. Queremos tempo para gastar, para fazer nada, para fazer alguma coisa só por fazer, só por prazer.

O dia deveria ter, então, 34 horas. Essas novas 10 horas devem ser usadas por cada ser como bem pretender. E o que é muito importante: essas horas não serão controladas!

Será o fim da prisão circular com marca passo, e que marca cada passo que damos, controla todas as coisas. Sem mais marcação de compromissos, hora para isso e hora para aquilo! Queremos acabar com os relógios! Queremos mais tempo!

Gabriela Ecco
Larissa Azevedo
3ª série B

O tempo não pára

Tic-tac, tic-tac... o tempo não pára.

A Terra gira, o relógio voa. As noites passam em segundos. Tudo parece acontecer muito rápido, ainda mais quando temos o que fazer.

As coisas passam tão rápido que muitas vezes os pequenos momentos são esquecidos, esquece-se até os princípios. Para tudo há um tempo, e o relógio parece querer atropelar o tempo de todo mundo.

Quero que em uma ampulheta entre um deserto de areia. Maneiras para superar o tempo é quase impossível determinar, pois os dias não param de passar e o homem, mesmo com o desenvolvimento de tanta tecnologia, todavia não conseguiu inventar a tão sonhada máquina do tempo.

É, parece que o jeito é tentar se organizar melhor e que as pessoas que nos rodeiam entendam que não é possível fazer tudo ao mesmo tempo. E que não apenas elas entendam, mas que cada um de nós entenda que às vezes não dá para fazer tudo, e que não devemos nos culpar por isso.

Viver é estar junto com o tempo, correndo como ele, quando você pára no tempo é porque não há mais vida. O passado foi ontem, o presente é este exato momento, e o futuro? O futuro é o próximo segundo, os próximos minutos.

Akemi Arenas Kami
Priscila Zanchi
3ª série B

O Modernismo oferece ampla variedade de opções de atividades de leitura e produção de textos. Entre elas, propus aos alunos a atividade de produção de seus próprios manifestos, após a leitura, contextualização e discussão dos fragmentos dos manifestos dos grupos modernistas de 1922, no Brasil, seguindo o estilo de um dos fragmentos lidos.

Claudete Amália Segalin de Andrade
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2003

De mala e cuia pra Floripa

A menina é de origem alemã e tomava banho no Rio Uruguai, onde a Sadia e a Seara não fazem sucesso, pois o melado e a galinha caipira são mais naturais.

Mas no meio daquele campo tranqüilo, não havia mais lugar pra ela. Ela tinha um sonho desde pequenina: morar na Ilha e conseguiu.

Tudo é novidade: praias, dunas e mangues. O que mais a chocou foi a favela, a miséria e a violência. Já que essas favelas são ocupadas por pessoas como ela, que estão tentando a vida na cidade grande.

Sua adaptação foi tranqüila, pois recebia o carinho de sua tia (com quem mora) e de seus pais (que estão na sua cidadezinha). A saudade da comidinha da mãe e do colo do pai não a desanima, pois bem sabe que eles querem um futuro melhor para ela. Seu maior objetivo de estar aqui é o estudo e posteriormente construir sua vida.

Os amigos de lá, que fizeram parte e alguns ainda fazem, da sua infância e adolescência, só a incentivam e muitos tomam seu ato de independência, como incentivo para buscar algo novo e melhor. Já os amigos que está fazendo por aqui são atenciosos, mas alguns têm preconceito por ela ser do interior, pelo seu jeitinho de falar e sua cor branquinha. Isso incomoda-a, mas não faz desanimá-la.

O que a diferencia não é o seu sotaque ou suas características tanto físicas como psicológicas, mas sim os seus valores e o que ela busca...

Gabriela Klauck
1ª série D
2002

Como este texto surgiu? Não sei. Mas o tenho guardado com muito cuidado. Essa vida que a Gabriela fala não é só a dela, mas um pouquinho das nossas próprias vidas. Estrangeiros que somos nessa maravilhosa Ilha. Apesar da nostalgia de outrora, hoje a vejo por aí: segura, radiante, sorridente.

Tânia Mara Cassel Trott
Professora-orientadora/Ensino Médio
Língua Portuguesa
2002

Contando os passos da vida

Dia 16.11.02, trabalhamos com as pesquisas que num dia anterior nós fizemos com as pessoas que moram na cidade. As perguntas foram:

1ª Por que você vive na cidade?

motivo estudo 17%

trabalho 20%

nasceu na cidade 7%

2ª Como é a convivência das pessoas na cidade?

individualista 15%

companheirismo 10%

competitivo 18%

3ª Quantos reais você gasta por mês em alimentação?

A maioria disse que gasta entre 250 e 350 reais por pessoa.

A partir do resultado da pesquisa, passamos a trabalhar frações e porcentagem. Só que não foi concluído o trabalho e no próximo encontro continuaremos o trabalho com as pesquisas.

Cleci Caitano dos Santos

Assentamento “Trinta de Outubro” – Campos Novos/SC

A arte é um passo para a vida

No dia 16 de novembro de 2002, fizemos uma aula com professor Jacques no Colégio de Aplicação.

Nesta aula discutimos como trabalhar a Arte e fizemos desenhos.

Também pudemos ver a importância das imagens e o que elas significam.

A partir disso questionamos o professor Jacques sobre o que significaria Arte para ele: - *Para mim, Arte significa estar vivo, no mais amplo âmbito da palavra.*

Darci Krindges

Assentamento “São José” – Campos Novos

Povos e suas Culturas

Na disciplina de História, com as professoras Ivonete e Sílvia, fomos na sala de vídeo. Lá nós vimos como eram as culturas dos povos, suas variedades de dança e seus tipos de vestes. Ficamos sabendo como os índios Egípcios e Africanos faziam com seus irmãos que morriam. Eles deixavam as pessoas dentro da casa até que encontrassem seus parentes e tivessem dinheiro para fazer um enterro adequado.

Depois dessa aula percebemos que suas culturas eram diferentes da nossa, que nossos entes queridos são sepultados dentro de 24 horas.

Marizete Moreira Leite

Assentamento “Hermínio Gonçalves dos Santos” – Caçador

Escolarizando visitam Laboratório

No dia 13 de novembro de 2002, tivemos aula de Geografia com as professoras Alessandra e Ivana. No 1º momento, fomos no Laboratório de Geoprocessamento e Análise Ambiental e conhecemos o Projeto da Bacia Hidrográfica do Araranguá e o Projeto do Maciço do Morro da Cruz. Vimos um mapa digital – Cartografia – Imagem de Satélite.

No 2º momento, trabalhamos com o mapa do Brasil onde localizamos as regiões brasileiras. Acreditamos que este tipo de aula é voltado para a nossa realidade, pois podemos entender como funciona a teoria diante da prática. Com isso perguntamos para as professoras Alessandra e Ivana:

- Como surgiu a iniciativa de propor aos alunos uma aula – passeio?

- *Devido à importância de conhecer outras atividades que envolvem a Geografia, como por exemplo: os Laboratórios visitados trabalham com planejamento e mapeamento que auxiliam nas administrações municipais no manejo adequado das áreas. (Alessandra)*

- *Acesso ao conhecimento mais amplo da Geografia além do ensino pedagógico, trabalham com técnicas para auxiliar administrações públicas. (Ivana)*

Neiva Vieira

Assentamento “Domingos Carvalho” – Rio Negrinho

Visita ao Planetário – Dia 10.11.02

Na aula de Ciências fomos com o professor Rafael ver o Planetário. Lá, a professora que nos recepcionou explicou como é ver o céu, as Estrelas e os Planetas, mesmo sendo de dia.

Nós entramos no Planetário, sentamos e tudo começou a escurecer, a professora localizava as Estrelas para explicar os Planetas. Nós pudemos ver as diferenças das Estrelas nas Luas: Cheia, Nova, Crescente e Minguante.

Neste mesmo dia de aula, nós estudamos sobre os seres não vivos e os seres vivos. Como exemplo de seres não vivos temos as pedras e as águas. E como seres vivos temos os peixes, os sapos, as rãs e outros que vivem na água. Um ser vivo precisa do ser não vivo para sobreviver.

Celso Dartora

Assentamento “Jangada 25 de Julho” – Calmon/SC

Esses textos fazem parte do Boletim Informativo da Escolarização (Ensino Fundamental – PRONERA/CA-CED/UFSC/MST/INCRA – nº 1-Nov/2002. O processo de elaboração contou com as seguintes atividades: leitura e análise de alguns jornais/informativos (pequenas publicações mais localizadas e um jornal de grande circulação); visita ao Jornal Diário Catarinense; palestra com uma jornalista; elaboração, reescrita e digitação das notícias; lançamento do informativo “Escolarizando em ação – Estudando e aprendendo para ensinar”.

Nara Caetano Rodrigues

Jacine Miranda

Maristela Andrade

Professoras-orientadoras/Ensino Fundamental

Língua Portuguesa

2002